

Ano 1 número 1

Abril/2024

Revista Tinta Azul

Publicação Brasileira
de Minicontos



Outono

Revista Tinta Azul

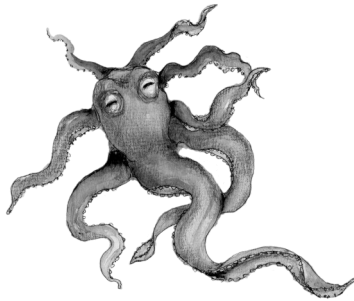
Publicação Brasileira de Minicontos

Ano 1, número 1, Canela, abril de 2024 (Brasil)

Organizadora: Bel Porazza

Ilustração: Liana Severo D'Abreu

Distribuição gratuita e digital: www.revistatintaazul.com.br



PREFÁCIO

Quando decidi publicar uma revista de minicontos brasileira pensei que deixar cair as folhas poderia ser um bom começo. Sim, todas as folhas que estavam presas na gaveta. Aquelas que lemos em voz alta apenas para nós. E também pensei que essa publicação seria como um polvo, cheio de tentáculos, abraçando novos horizontes e escritores latinos, com suas línguas diferentes, mas realidades muito próximas.

Lembrei-me do outono que chega com ventos e folhas ao chão. Um anúncio para sensações flutuantes sobre a pele e para manter-se em estado de contemplação. Uma estação própria para reviver momentos e pensar em novos caminhos. A brevidade dos minicontos é um excelente espaço para revelar o prazer que traz o outono, entre a queda das folhas, as cores ocre e as temperaturas mornas.

Espero que encontrem nesta edição diferentes olhares sobre o amarelar das árvores e que ouçam o som das inúmeras folhas que estarão voando entre as palavras dos minicontos.

Bel Porazza

Canela, abril2024

INTRODUÇÃO

Pelo universo da minificção, a escrita escorre indomável e instável transpondo a barreira de outros gêneros, arriscando-se nos limites da narratividade, absorvendo o mundo ao seu redor e transmutando-se a partir de cada uma dessas aproximações. Ao final desse trajeto, entretanto, o texto apresenta-se tão pequeno na página branca que um leitor mais desavisado pode acreditar ter sido esse o objetivo final do autor: encontrar a forma mínima. E é aqui que eu apareço para adverti-los.

Por baixo de cada um desses textos que se apresenta como mini, micro, nano, mínimo, escondem-se os outros 95% de sua matéria densa, complexa, cheia de armadilhas preparadas especialmente para o objetivo real da minificção: des-contar o que nossos olhos captaram na página, desviando-nos do fluxo tradicional da narrativa para arrastar-nos por numerosos labirintos que propõem outras formas de ver e de ler o mundo. Assim, ainda um pouco ofuscados pelo texto hiperbreve e fragmentado, mergulhamos nas águas profundas da elipse, da ambiguidade, da ironia, da intertextualidade, do insólito, do humor e da paródia onde os resíduos textuais adquirem o poder de evocar novamente o cenário narrativo do qual foram extirpados, mas, agora, problematizando-o sob nova ótica e colocando-nos de novo em ação como leitores.

Ler minificação é, portanto, essa sequência de muitos movimentos, de chocar-se com o que foi escrito, de não aceitar o ponto final e continuar pensando no que leu, de encontrar outra história por trás da primeira, de sentir ruir o que achava ter entendido, de voltar ao texto procurando pistas dessa segunda história, de perceber que uma história destrói/ressignifica/amplia a outra, de dar-se conta de que não tinha visto várias outras pistas na primeira história e começar tudo de novo... É nessa aventura cíclica e inusitada que a Revista Tinta Azul nos convida a entrar, abrindo mais uma via de encontro entre escritores e leitores desse gênero e promovendo a divulgação desse universo tão rico de experiências de escrita e de leitura que a minificação constrói, de modo especial na América Latina.

Espero que aceitem o convite!

Francilene Maria Ribeiro Alves Cechinel

Abril2024

Bacharel em Letras pela UFSC (Univ. Federal de Santa Catarina), mestre e doutora em História da Literatura pela FURG (Univ. Federal do Rio Grande). Desde 2011 realiza pesquisas sobre a minificação brasileira, tendo como foco principal a história desse gênero no país.

ÍNDICE

10	Alejandro Zapata Espinosa
13	Angélica Guzmán Reque
17	Ariel Fonseca Pulsz
19	Beatriz Isabel Pontoriero
23	Carlos Latorre Gutierrez
25	Carlos Martínez
27	Carmen Concha-Nolte
30	Christian Jiménez Kanahuaty
32	Stephen Crawcour
34	Cristina Bressser
38	Daniel Valadares Macedo
41	Eliseo Bilbao Ayaviri
43	Enio Martins
45	Esmeralda González
47	Francisco Poltronieri Junior
49	Gianmarco Farfán Cerdán
51	Gustavo Ramírez
53	Heidi Lauterbach
55	Heidi Carolina Molina Duque
57	Helena Maria Domeneghini
61	Ivone Renck
65	Jacira Fagundes
68	Janete Thomas Prinstrop
72	Jesús Alcañiz García

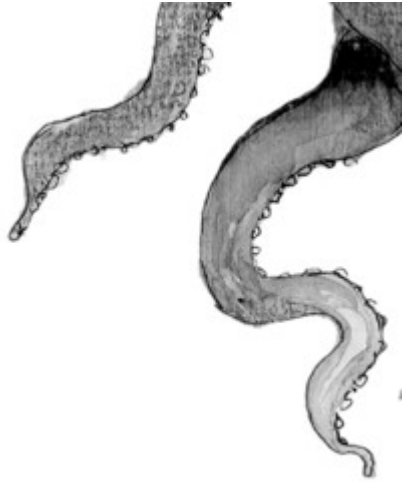
74	Jimmy A. Castro Zambrano
76	José Jesús Rodríguez Velázquez
78	Josi Rodrigues
81	Juan Martínez Reyes
83	Juvêncio Braga
87	Karen Abuhab Rappaport
89	Karla Hernández Jiménez
91	Karla Riera Pizarro
95	Lia Regina Schuch Pressi
99	Liana Dabreu
101	Lilian Amaral
105	Liliana Rodolao
107	Lilian Aguilar de Andreutti
109	Lorita Lourdes Festa Rossi
111	Luciana Carnial
113	Lúcia Castilhos Zanatta
117	Luis C. Torrico
121	Marcia Noemia P Guimarães
123	María del Pilar Torres González
126	Maria Eduarda Novaes
128	María Elena Lorenzin
130	Maria Isabel Silveira
134	María Isabel Quintana
137	Maria Teresa Fornaciari

139	Marta Schneider da Silva
141	Mirella Timm
143	Patricia Morales Betancourt
145	Patricia Rivas Morales
147	Raúl D´Alessandro “Lobo”
149	Regina Scipioni
151	Rosa María Argumedo Crispin
153	Rosana da Silveira
157	Rusvelt Nivia Castellanos
160	Santiago Jiménez
162	Sara Coca
165	Scarlette Orozco López
167	Sylvette Cabrera Nieves
171	Silvia Carus
173	Tânia Pereira
175	Tânia Maria Garbelini
179	Tania Mara von Berg Ondere
181	Virginia González Dorta
183	Wagner Guerra
185	Wigberto Méndez García
189	Laryssa Eduarda Chaves dos Santos
190	Larissa Rafaela dos Santos da Costa
191	Isabela Priscila dos Santos Lopes – Bela
192	Sophia Diogo Gross
193	Bel Porazza

Revista Tinta Azul

**Publicação Brasileira
de Minicontos**

OUTONO



Alejandro Zapata Espinosa

Itagüí, Colombia, 2002

Estudiante de Licenciatura en Literatura y Lengua Castellana
del Tecnológico de Antioquia.

SIMPLEZA ESCONDIDA

Millares de coccinélidos —invasores o no— infiltran el convite preinvernal «engullendo miles de áfidos y presas de cuerpo blando» (entomólogo Raupp), proceso de minucias, cosillas menudeadas, átomos glotones, para congregarse —fraternidad policroma— a la síntesis fusionada del metabolismo de sopor en afloramientos rocosos, vaguedad de centro-orbe, o en grandes paredes; y pasan allí, manchón, paleta frondosa, exuberante suma de mariquitas, capaces de reaccionar al hambriento depredador, trasnochado, antinatural olfato que se topa con la eyectada hemolinfa: supurar contra quien invade, abrigo de la grieta... y a pernoctar el invierno como lucecillas apagadas —lustrosas.

LLAMA NUEVA

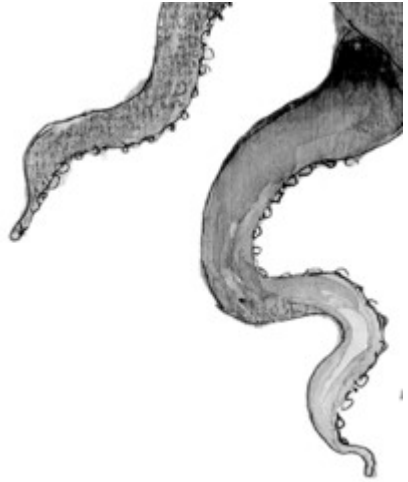
Cérvidos mudando terciopelo por astas punzantes: la testosterona otoñal lima lo velludo, la hospitalaria punta redonda en pastoreo, rebote no incisivo, para abrir machos e inseminar hembras.

Los victoriosos miden peso de lanza, atacan la incandescencia impostora con sus simétricas púas cornamentadas, cálices dignos de trofeo, de servirse en ellos la sustancia del poder longitudinal.

Es el crecimiento cumplido, la gestación de las procreaciones, la lozanía viril en ciernes de rebotarse; los vasos sanguíneos redireccionados, cambiados de torreón.

La nariz, sonora caldera, bravura comunicacional, atrae interesadas con sus respectivos celos: competencia presurosa, choque drástico, abalanzados pares explotando a turnos.

Han de crujir sus astas, reventarlas descortezando troncos, paseándolas por carreteras, en perfil romero, porque perderán la gloria alcanzada... alcanzada para colmarse y ser motivo de fluctuales reservas.



Angélica Guzmán Reque

Escritora boliviana de marcada trayectoria de literatura infantil y juvenil. Profesora de letras. Licenciada en psicopedagogía. Diplomada en Educación Superior y Master en escritura creativa. Experiencia psicopedagógica en la docencia del ciclo secundaria y universitaria.

Autora de cuentos, leyendas, poesía y novelas cortas infantiles y juveniles, investigación literaria, ensayos de literatura y Reseñas literarias. Ha publicado una veintena de obras personales y de Antologías nacionales y extranjeras. Redacción de Textos de lenguaje y literatura para primaria y secundaria.

¡ASECHANZAS!

Una luz mortecina en lo alto de un cielo raso agrietado por el tiempo. Solo penumbra de aislamiento y vacío. La puerta se cerró estrepitosamente y un ligero clic selló ese ijar de soledad infinita. Tu rostro de sorpresa, se transformaba en estupor y desolación. - “Nos quedamos encerrados”- dijiste, con voz temblorosa.

Un lugar sombrío. Muro de ranuras que simulaban una risa febril, pronto a estallar. Tenues sájelos de luz. Tus manos anhelantes chocaron con el cristal, los nudillos empezaron a sangrar. Toqué la herida, y se cicatrizó.

Extraño cuadro colgaba del muro. ¡Oh desgracia!, mascullaste. Una figura amorfa que dibujaba la palabra petrificada. Tus ojos desorbitados me interrogaban, buscando la verdad a esa nuestra situación. Palpitaba todo tu cuerpo, en un paroxismo que acabaría en una especie de llanto, risa, convulsión, y caíste al suelo.

Al fin quedaste quieto. Tu cuerpo constreñido, se debatía entre la calma y la resignación. Balbuceaste una frase: “caímos en una celada, nos cortaron las alas” Yo, te miré compasiva, cerré los ojos y empecé a ser absorbida por uno de los ojos del cuadro, mientras el otro te miraba satisfecho. empezaba el otoño de tu vida.

PORTALES DE ASOMBRO

Sabías que esa serranía de roca albergaba algo en su interior. Sabías, también que ese portal solo se abría al inicio del otoño y, esa fecha era la ideal, porque las hojas del otoño bailaban con el viento. Te sentaste a esperar aquel milagroso momento. Pronto cambió el ambiente y sentiste sopor extraño. Masticaste un pedazo de chocolate, que te permitió abrir los ojos. De pronto, todo se iluminó y ahí estaba el portal. Te acercaste a una puerta metálica. Con temor la empujaste y, ella cedió. Te encontrabas en una dimensión diferente. Poco a poco viste claridad. Tu espíritu alborozado vio otra puerta. tenía una cerradura, pero no la llave. Mirabas, buscabas y rebuscabas, pero nada. Advertiste un hermoso árbol de jacarandá, con la copa de flores moradas, pensaste en la esperanza y la felicidad. Una rama del árbol descendió hasta ti y una llave brillaba entre las flores. La tomaste con ligereza y, feliz, la introdujiste en la cerradura de la puerta y cedió, dando lugar a la luz del sol, pero ¿dónde estabas? habías salido al exterior y contemplabas tu entorno con amor y una hoja casi seca se depositó en tus manos.

PALABRAS ALADAS

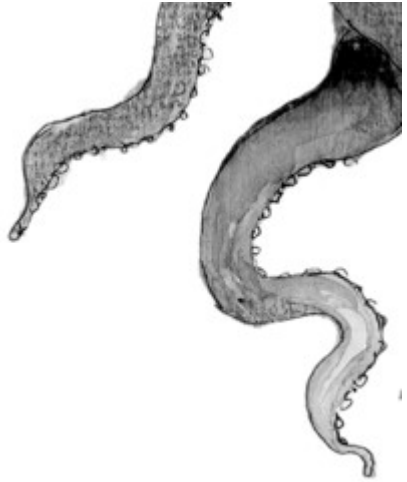
Objetos cubiertos de polvo de tiempo. Un baúl. Una reliquia tallada con láminas de plata. Curioso, la abriste. Un candado grande y fuerte, no ofreció resistencia. Muchos objetos, algunos libros y una caja cerrada. Tus manos se apoderaron de ella.

Al limpiarla, ajustaste un botón color plata y esta se abrió. En su interior, un libro. Lo tomaste, muy intrigado, buscaste un sillón cercano y te acomodaste muy tranquilo.

Conforme avanzabas, las hojas, se iban cubriendo de palabras, advertiste. era poesía, despertó tu emotividad y, tu rostro se iba iluminando, eran frases de amor, de esperanza, de bondad.

La lectura atrapó tu mente. En la medida en que leías te sentías transportado hacia un mundo diferente. Ya no sentías desolación, estabas entre nubes de algodón y, volabas...

Al amanecer, el libro arrimado en tu pecho. ¿Qué me pasa? te preguntaste; Tus ojos leyeron un título. ***las llamas del amor***, ¿por qué las llamas de amor? te preguntaste. Empezaste a leer: ***El amor es una llama incendiaria / puede abrazarte con sus llamas/ y, no te recuperas jamás***. Pensaste en Julieta. Una ráfaga de viento te advirtió que el otoño se alejaba de tu vida.



Ariel Fonseca Pulsz

Gaúcho e ambientalista nasceu em julho de 1995, adepto da neurolinguística, visa frentes ambientalistas e filosóficas da existência.

O escritor da saga de livros “As Crônicas de Sathira” iniciou sua trajetória literária no ano de 2017, honraria de sua trilogia de livros deu ao autor o reconhecimento de título honorífico de agente cultural do município de Gramado-RS.

Atualmente é palestrante, músico, escritor e residente da cidade de Gramado.

UM DIA DE DOMINGO

Um dia me falaram sobre o enigmático segredo da vida, foi então que parei para refletir sobre quais vidas estavam insinuando, já que nessa existência possuo muitas delas.

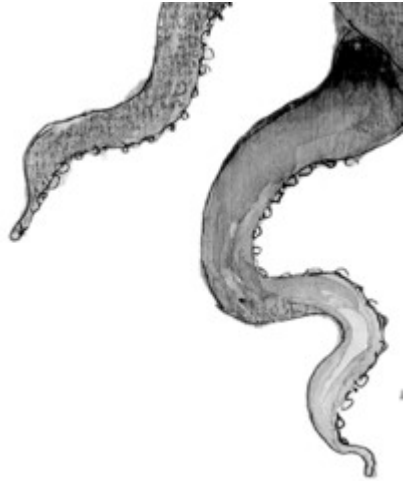
Ainda me lembro daquela tarde fria de Outono, a nevoa rastejando sobre a penumbra de uma cidade adormecida em uma tarde de domingo.

A chama do fogão a lenha me fez lembrar a estação que antecipa o inverno, aquela mesma que transforma qualquer floresta em cenário de filme.

Conforme vou meditando enquanto escrevo nas páginas deste livro, cai a última folha de Outono.

E se o segredo da vida for a inexistência de certos princípios, como a política e a religião, por exemplo, me pergunto com o que iríamos brigar. Encontraríamos discórdia em meio ao paraíso?

As árvores adormecidas, e já sem roupas, me fazem lembrar que durante a vida morremos e renascemos em várias estações, assim como as árvores de Outono.



Beatriz Isabel Pontoriero

Nacida en Carmen de Areco, Buenos Aires, Argentina. 54 años. Docente y bibliotecaria. Publicó “Maldición de luna llena”, “Los mundos de Lucila”, “Hadas, duendes y arcoíris”, “En tu alma, la oscuridad” y “Jazmines para Laura”. La biblioteca escolar EP N° 4 lleva su nombre. Integró antologías. Recibió premios, medallas y menciones especiales. Participó publicando poemas en dos diarios de la ciudad, compartió un espacio radial y café literario local.

EL DUENDE, LA NIÑA Y EL OTOÑO

—Mi duende se enfermó —dijo la niña y suspiró.

El otoño, que de visita llegó, quiso saber y preguntó: —¿Qué le pasó?

La niña, al escuchar el crujido de su voz, se sobresaltó. Miró por la ventana y vio varias hojas ocres danzando.

—¿Quién eres?

—El otoño.

La niña triste se acercó y otro suspiro soltó.

—A mi duende le robaron su olla de oro y sin ella no puede volver a su mundo. Tiene hasta el amanecer o morirá porque el arcoíris no puede esperar más.

El otoño se quedó callado y pensó... hasta que una idea se le ocurrió.

—Trae una olla cualquiera y llénala de hojas crujientes, luego déjala sobre el pecho del duende.

“Extraño pedido”, pensó la niña, pero no preguntó y corriendo obedeció.

El otoño tomó una hoja, la sopló y en la olla la dejó. Una luz dorada envolvió a las hojas de otoño, y éstas se convirtieron en monedas de oro.

El duende despertó y contento bailó. Ahora sí, tenía su olla de oro y el arcoíris podía cruzar.

—Gracias, señor otoño —el duende agradeció—. Gracias, hermosa niña —y una sonrisa le regaló.

DIARIO DE OTOÑO

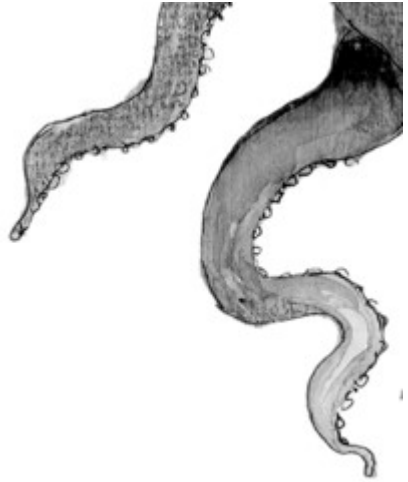
Desde mi ventana vi caer las primeras hojas de otoño como lluvia dorada. Vi a mi vecina barrer la vereda porque lo marchito afeaba. Vi al viento soplar y remontarlas como barriletes diminutos con algún duende escondido que yo imaginaba. Vi niños saltar sobre ellas porque le gustaban el crujir bajo sus pies. Vi gatos y perros jugar hasta que se les pegaban en la nariz. Vi tantas cosas... que yo también quería ser parte de ellas. Junté muchas hojas y con ellas, sobre la mesa de mi habitación, imaginé el mundo donde yo quería ir. Escribí en cada borde marrón los sueños que yo atesoraba y las aventuras que me apasionaban. Con mucho cuidado hilvané cada hoja con aguja e hilo que mi madre me prestó. Un bordado junto con su sonrisa ella me regaló cuando mi diario terminado vio. El tiempo ha pasado y cada otoño que ha llegado una nueva hoja me ha regalado. Hermoso recuerdo de mi ayer añorado.

¿POR QUÉ LLORA EL OTOÑO?

Naranjas, amarillos, marrones... los colores del otoño con destellos dorados que el sol les regala caen a montones de árboles nostálgicos. El niño ve las hojas desprenderse de las ramas y pregunta: ¿por qué llora el otoño? Ríen muchos por la ocurrencia infantil. “¿Cómo va a llorar el otoño? No, niño, las hojas se secan y caen”.

El niño se sienta en el jardín y sin dejar de mirar como el árbol desnudo va quedando, piensa en cuando él llora. Las hojas se marchitan y caen como lágrimas. Sí, cada hoja es una lágrima; y un montón de hojas entonces... entonces, es el llanto. El otoño llora... ¿por qué llora el otoño?

Una hermosa señora se acercó y le contó que el otoño se está poniendo viejo y que los recuerdos de ayer lo ponen nostálgico; por cada nostalgia cae una hoja hasta que el árbol queda desnudo y se duerme hasta la primavera donde los brotes renacen. “Entonces, el otoño sí llora”, dijo el niño y la hermosa señora rió. “Sí, niño, el otoño llora... pero no te aflijas, no son lágrimas, son recuerdos que se duermen, nada más”



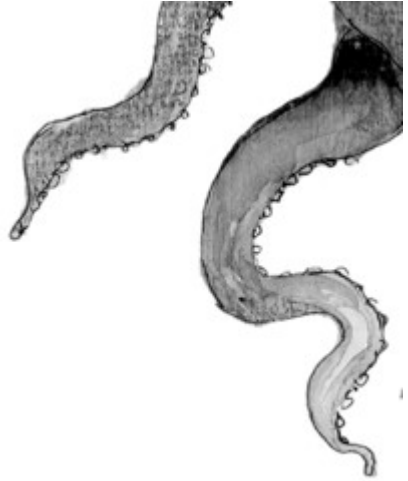
Carlos Latorre Gutierrez

Es un actor de teatro, chileno de 75 años, actualmente se encuentra retirado de las tablas y ocupa su tiempo escribiendo cuentos y relatos para convocatorias literarias.

LA CHICA DEL METRO

Ella subió en la estación del metro Baquedano, hora punta, alta, pelo largo y rubio, atractiva, se ubicó al lado mío, muy cerca mío, sentí sus piernas junto a las mías, el metro se detuvo bruscamente y ella se tomó de mi brazo, me agradeció con una sonrisa, luego la vi salir, no sabía qué hacer, sentí que todos me decían ¡síguela!, ¡síguela! que hago me pregunte, olvide mi destino y sin pensarlo dos veces salí rápidamente, subí las escaleras apresuradamente, llegue a la calle y mire para todos lados, de pronto la vi, ahí estaba esperando la luz verde para atravesar la calle, camine atrás de ella, camine al lado de ella, nos miramos, se sonrió, la invite a un café, ella acepto, ahora la tengo frente a mí, no puedo dejar de observar sus ojos azules y su alegre sonrisa, me hacía imaginar una tarde de primavera, la verdad era una tarde fría de Otoño.

Elena, la chica del metro ahora es mi esposa, es una mujer extraordinaria, soy inmensamente feliz, me gustaría darle las gracias a los del metro que me decían ¡síguela! ¡síguela!...bueno yo creí escuchar eso.

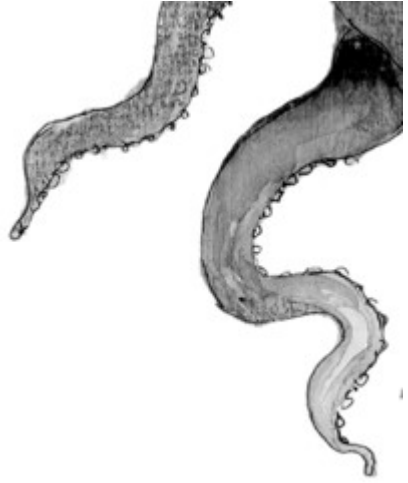


Carlos Martínez

(1988), Barranquilla – Colombia. Docente de Literatura, finalista del Premio Nacional Casa de Poesía Silva 2023. Ha publicado cuentos y microcuentos en la versión digital de El Espectador (Colombia), así como para el Colectivo Internacional de Minificción. También, publicó ensayos en la revista digital Visor (España) y ha participado en antologías poéticas locales.

DESEO

Nunca vi a las flores con la naturaleza poética de su color otoñal, pero crecí con la frustración de solo observarlo cuando un bosque se incendia. Jamás salí del país y por eso, cuando algunos me hablan emocionados su experiencia con el otoño, los escucho los escucho con la nostalgia de alguien que mira de reojo, como de a poco, aquella colorida estación no llega en otros lados tampoco, porque los árboles fueron talados sin contemplación alguna.



Carmen Concha-Nolte

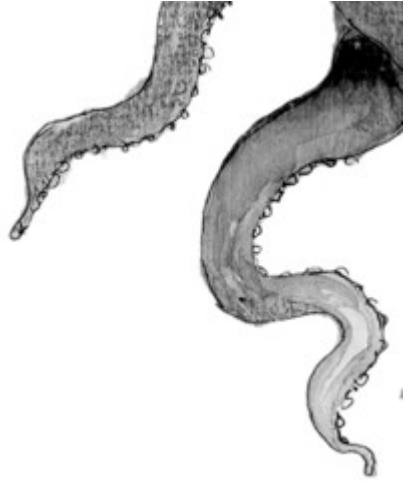
Lingüista con estudios de maestría en Literatura Peruana, UNMSM. Estudió Microrrelatos en la Escuela de Escritores, Madrid. Cuentista y crítica literaria. Sus textos aparecen en veinte revistas como *Crear en Salamanca*, *Las críticas*, *Atril.press*, entre otras; y sus creaciones, en veintisiete antologías colectivas. Es finalista en certámenes internacionales de microrrelato y poesía. Ganó el Premio «Péndola Dorada» 2022.

AGRADECIMIENTO POSTRERO

En el último año de primaria, casi la insulto cuando dijo que escribiéramos sobre la primavera. Esto significaba sol, pájaros, reinas escogidas a dedo. Nunca le importó el otoño, los gajos del manzano o las cometas al vuelo. Indignada callé e hice lo mío. Al revisar las composiciones encontré mi dibujo con florecientes ramos de manzano y en el medio su cabezota. La retraté igual que en persona. Ella puso encima de los escritos mi dibujo y sacó su pañuelo, no para llorar, sino para secarse la pintura fresca. Yo continué dibujándola, esta vez de buena manera. Le colgué su corona y la convertí en reina del otoño amarillo. Nunca me dijo, Frida, gracias. El siguiente otoño, mientras las hojas caían, contuvo las lágrimas y recogió los pinceles fríos de mi mesa.

DESNUDEZ

Yo sabía que escondía algo mi padre. De pronto me tomó con su mano arrugada, y caminamos largo sobre la alfombra verde pálida, a veces amarilla, en los extremos naranja hasta llegar a ocre. Entonces, me eché a perseguirlas con dirección al viento. Las pisé fuerte, las que se me escaparon crujían, rechinaban como desprendiéndose de sus cuerpos en el aire. Mi padre me alcanzó y nos detuvimos. Le pregunté por qué los árboles se desnudan en otoño. Calla, dijo. No uses esa palabra. Pero... No, no la uses, ¿entendido? Un día otoñal me enteré de que abundaron mujeres de bajos oficios en mi casa.

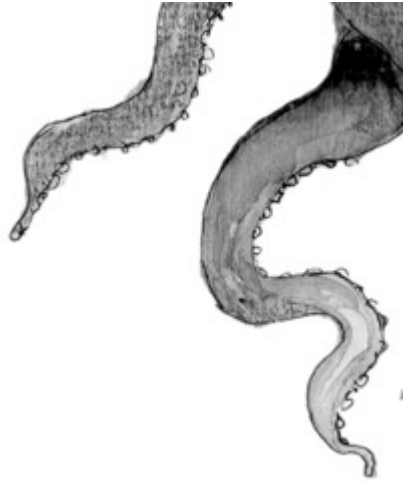


Christian Jiménez Kanahuaty

(Bolivia, 1982). Su obra comprende las novelas. *Invierno* (2010), *Te odio* (2011), *Familiar* (2019) y *Paisaje* (2020), *Los libros de nuestros padres* (2023) y *Cuidar del fuego* (2023). Cuatro libros de cuentos: *Cortas detonaciones* (2008), *El mareo* (2008), *Museo* (2010) y *No quedan días de verano* (2015).

LÍNEAS EN LA PIEL

Cuando miras por la ventana empañada, a través de ella se divisa el campo, con las hojas doradas y el viento que recorre el río. No tienes sueño. Las palmas de las manos las tienes húmedas y de tanto trabajar con la madera, sientes que las venas están a punto de estallar. Te sientes débil. Algo perdido. La casa está en venta. Quisieras que eso se resolviera pronto. Quieres viajar y olvidarte de todo lo que pasó. Pero no puedes irte así como así. Necesitas dinero. Quieres que de una vez termine el otoño y se reactive todo. Esperar te hace daño. Mientras tanto, lo que queda por hacer es seguir con las refacciones. No te puedes dar el lujo de que se siga descomponiendo la vida. Podrá sonar el teléfono, pero no lo contestarás. No deseas hablar con nadie. Y quizá tampoco lo necesites. Simplemente quieres dejar de sentirte así. Volver a vivir. Nunca te dijeron que un divorcio sería así. Y ahora tienes miedo de volver a empezar. Cierras los ojos. El aroma de las hojas te inunda. Y por un momento, eres feliz.



Stephen Crawcour

Nació en Madrid (España) en 1978. Hizo sus estudios de psicología en la universidad de Konstanz (Alemania), y su doctorado en la universidad de Tennessee (EEUU). Actualmente trabaja como psicólogo clínico en Dresde/Alemania. Además de la escritura, su pasión es la magia, la cual practica bajo el nombre artístico de “Doktor Crocker”.

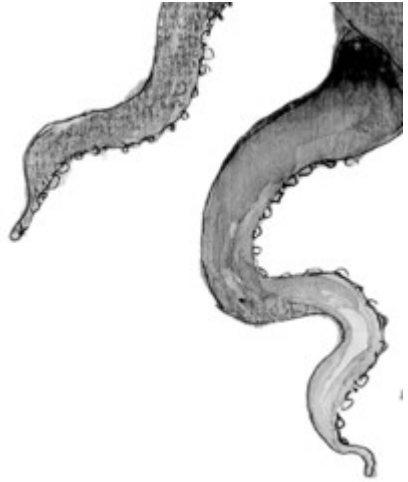
RESONANT IN MEMORIA

La rosa en sus manos apenas era un capullo, el beso que me dio era apenas perceptible.

La rosa estaba en plena floración, el beso sabía jugoso en mi boca.

La rosa se marchitó, el beso se enfrió sobre mi mejilla.

La rosa seca sobre su tumba, el recuerdo de sus besos me hace un nudo en la garganta.



Cristina Bresser

Design UFPR, *Creative Writing* University of Edinburgh. Romances: *Quase tudo é risível* (Benfazeja) e *Hand Luggage* (Czykmate, Canadá). Prêmio João Isabel em Manteigas (Portugal, conto). Roteiro “Homem da porra”, festival de teatro Parlapatões. Prêmio Coletivo São Paulo, microconto, e Prêmio Campos de Jordão, crônica. Autora de *Pra rir & pra chorar* — 11 anos de histórias de proteção animal, crônicas. Publicou o livro de contos *Tempo de jabuticaba*, Editora Urutau. Publicações no Brasil, Canadá, Austrália, USA, UK, França, Grécia e Índia.

ASAS DE OUTONO

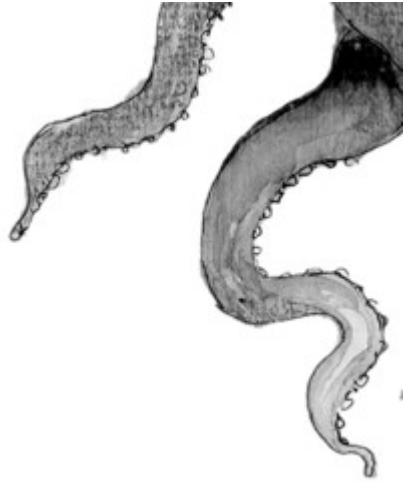
Acordei com uma coceira incômoda entre as escápulas. No banho, lembrei que tinha sonhado que voava. Era tudo muito simples. Fechava os olhos, me imaginava no ar e quando percebi, estava deslizando pelo basculante do banheiro em direção ao céu outonal. O zênite deixara de ser uma possibilidade, era agora uma direção. O prurido nas costas cessara. No seu lugar, asas flexíveis e bem treinadas me levavam numa velocidade confortável sobre as ruas ainda úmidas de orvalho. O único desassossego era o vento frio da manhã a arrepiar minha pele. A trajetória era definida pela intuição. Quando sentia a urgência, mergulhava em direção à Terra e me conectava com a angústia humana. Buscava compensar a carência de energia fundamental. Fui repelida em todas as tentativas de aproximação. As pessoas não se ressentiam das minhas asas recém-adquiridas. Constrangia-lhes a minha nudez. Voei alto.

NO OUTONO, ADEUS

No outono, parto em etapas Só mais setenta abraços. Só mais oito. O último, guardei apertado; sinto teu coração batendo no meu peito.

TODAS AS MANHÃS DO MUNDO

Desperto com o cheiro do outono de Campos do Jordão. Cedro, pinheiro, lavanda, mel e café quente sequestram meu cérebro do sono. Abro os olhos, a cena diária das férias já está decalcada na memória. Ela me habita, e a resgato nas manhãs maduras e desassossegadas.



Daniel Valadares Macedo

Belo Horizonte. Fiz Letras - UFMG, Administração – Faculdade Pitágoras e Mestrado em Educação Tecnológica – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Cefet-MG. Ensi-
nei Português e Literatura Brasileira nas escolas básica e uni-
versitária por três décadas, e na ilha de Curaçao, entre 1990 e
1992. Hoje ensino nossa língua para estrangeiros, remotamen-
te, enquanto sou servidor público da Prefeitura de Belo Hori-
zonte.

O CIRCO

Na galharia silente, entre nós, ramei aqui um canteiro por onde percorrer meus passos. Ali fora, folhas caindo vão tramando enredos. Não é preciso muita forragem para esse tempo de ameno calor e poucas águas.

Era manhãzinha. A noite de nove sonhos me pariu com a ameaça, que desarme, de a bomba gritar.

Meticulosamente, fechei os olhos. Em quatorze minutos, as âncoras estavam içadas, mas não havia vento. Esfreguei as mãos no rosto e busquei os chinelos para remar.

Vestindo-me, revestindo-me, observei o dia debruçado dentro de mim. Procurei ação para dissipar as brumas - água, trigo, ovos, queijo, mamão, café. Ai, rotina, que estranha potência.

Abri a sacola vazia. Joguei dentro a toalha... Basta. O espelho me disse que não há um microchip para as lacunas entre os passos.

Andei, porque é preciso esse meu navegar no trapézio.

SÁBADO

Entardeciam, e ele a observava. Ele a acariciava nos olhos, enquanto ela o perquiria: “Quê?” E o que ele pensou foi ainda te amo. Antes que pudesse balbuciar palavra, ela novamente: “Quê?” Ele riu, o rosto dela perguntou de quê? Ele se sentia cansado, sem forças para conversar. Queria apenas examiná-la.

Passavam mulheres entre as mesas. Ele as mirava. Os olhos são viajantes perdidos.

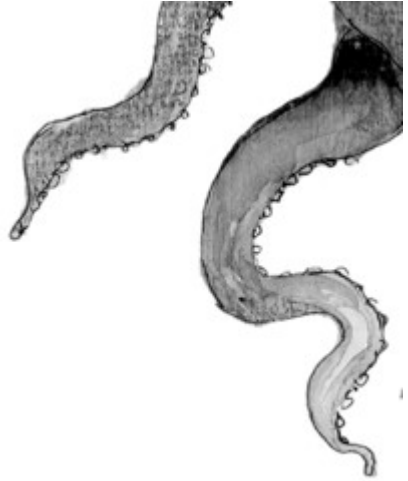
Tocou a mão dela e sentiu o aceno da pele. Inteiro enquanto a presenciava, ele escrutinava a si mesmo para serenar o verão. Ela lhe disse que a levasse ao supermercado. Posso, sim.

Pra que tanta perna, meu Deus? Ela o fitou. Ele aquiesceu.

Saíram juntos. As mãos se abraçaram, conversaram amenidades. Na entrada do supermercado, perguntou se ela precisava dele lá dentro. Então fico aqui.

Não tardou.

Estão em casa. As mãos se tocam, os corpos se aquecem. Ele a observa por detrás. Gosta de seus pés, das linhas do corpo, do despojamento dos cabelos. Você é bonita.



Eliseo Bilbao Ayaviri

Nació en Arampampa Potosi - Bolivia, el 12 de agosto de 1941.

Profesor de educación primaria, egresado de la Escuela Superior Simón Bolívar – La Paz.

Escribe cuentos leyendas, mitos, poesía. Ha editado más de 15 libros. Especialmente literatura infantil y juvenil. Ha recibido varios reconocimientos departamentales y nacionales. Past presidente de La Unión de la Nacional de Poetas y Escritores Cbba. UN-PE . Es gestor de la Ley 988 Día de la Escritora y Escritor Nacional.

UN SOBERANO DE HARAPOS

¡Qué día aquel...!

El señor Verano, esplendente, luciendoavecillas en algarada, regalaba: brizas y suspiros, de pronto, una ventisca lo detuvo sobre la alfombra de un trival, mirando un cielo tenebroso.

- ¡Oye...Tú! ¿Qué te extraña? Convéncete, tu tiempo ha terminado ¡Vete...! O mi enojo te dejará hecho andrajos.

- Eres audaz, atrevido por demás.

- Ningún atrevido, soy el Soberano Otoño.

- ¿Deberás? ¡Dudo...! Tus ojos apagados de duende, tu semblante pálido, tus labios secos, tu cuerpo cubierto de hojarasca, montado en Rocinante del siglo XXI, te retrata: Soberano de Harapos. ¿Oíste...?

- Verano vanidoso, exijo respeto. Tu opulencia no te da derecho a discriminarme. Te repito. Soy el Soberano Otoño. Insinúas acaso, llamarme DEPREDADOR. Ordenaré “al Viento, pan de mis alforjas” Pulverizar tu falso orgullo. ¡Entendiste...!

Ardía la hoguera verbal. Ambos presumían, ser SOVERANOS.

De pronto:

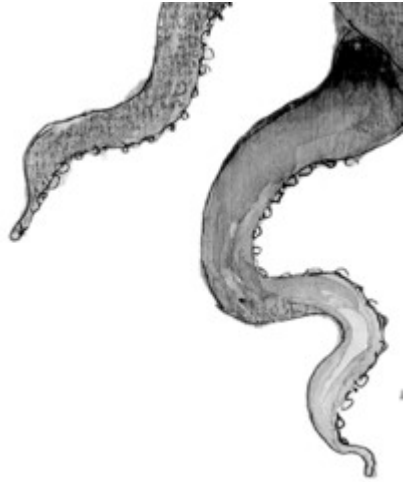
¡Insensatos...! Sus poderes divinos, cumplirán su misión vital con lealtad a los seres vivos del planeta.

- OTOÑO, tu savia, restaurará, la fertilidad de mis entrañas.

- VERANO, tu poder, fecundará la naturaleza de abundante vida.

Solemne, calló La Madre Tierra.

El Otoño diligente, cubrió las praderas de bellas hojarascas amarillentas, dejó las copas de los árboles desnudos.



Enio Martins

Redator publicitário e radialista com passagem nas principais rádios de São Paulo, exilou-se como produtor cultural no sul onde realizou festivais culturais na Serra Gaúcha. Hoje é produtor do FiliGram, Festival Internacional de Literatura de Gramado.

CORREÇÃO POÉTICA

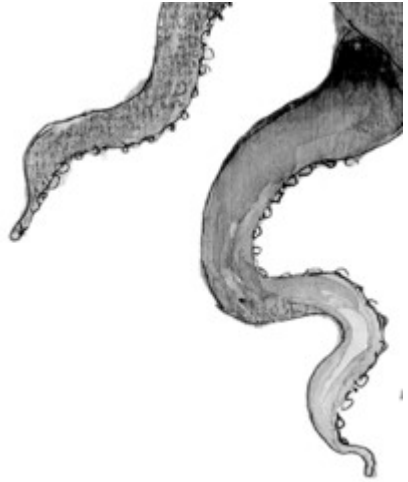
Correção poética necessária: as águas de março não fecham o verão. Chamam o outono.

Que é o irmão do meio do verão e inverno. Não é o mais velho, nem caçula. Até parece com os dois mas é distinto. O pai sol e a mãe lua parecem o preterir. Engano, só estão distraídos, grávidos, esperando a caçula primavera.

Essa sim, mais parecida com o irmão que enche o planeta de folhas, adubando/preparando o berçário para as flores. Outono é outra primavera, cada folha uma flor, Camus cravou.

A luz fraterna e difusa do outono comete muitos filmes e músicas. Provoca estado de espírito singular nos escritores; preenche telas e esculturas em ateliês mundo afora.

Hemisfério norte e sul, yin e yang: quando num é verão, noutra inverno. E quando outono cá, lá primavera. É um resto de mato na luz da manhã do mundo. Nem pau, nem pedra, nem o fim do caminho.



Esmeralda González

Valencia. Venezuela (1992). Sus obras literarias forman parte de las Revistas y Antologías: Revista país de papel 5 de la Asociación de Escritores Mérida (Venezuela) 2021. Revista país de papel 6 de la Asociación de Escritores Mérida (Venezuela) 2023. Antología Poética : Primer concurso Universal María Eugenia Penagos (Colombia) 2023. Antología Poética: Venganza (Colombia) 2023. Revista Ficcionales (2023). Revista En las Alas del Cóndor, primera edición (2023).

EL PEQUEÑO ABRAHAM Y EL VERDADERO AMOR

Una mañana de otoño, el pequeño Abraham escribió en su mano izquierda, el nombre de su hermana.

—Haydee, Haydee...

Repitió varias veces. Creyendo que así, podrá cambiar el destino, que algún día los separaría.

¿Y si detengo el tiempo?

Se pregunto el pequeño, mientras buscaba desesperadamente, el reloj de la casa.

—Abraham ¿qué haces?

Preguntó su madre, llevando su hermana en los brazos.

—Estoy buscando el reloj de la casa, y así detener el tiempo, para nunca separarme de mi hermanita.

La madre sonrió y abrazo a su hijo, mientras le decía

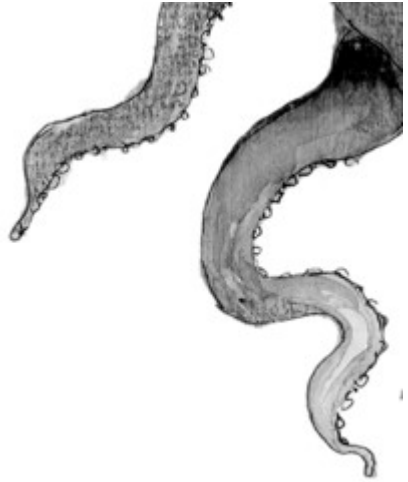
—Podemos detener el tiempo en este abrazo, en este otoño, pero es necesario que pase, para que puedas conocer y fortalecer, el significado del verdadero amor.

Abraham, asintió con una sonrisa.

—Mami, mi papá, mi hermanita y tú, forman parte de mi amor verdadero.

La madre no pudo evitar, volver abrazarlos...

Queriendo detener el tiempo.



Francisco Poltronieri Junior

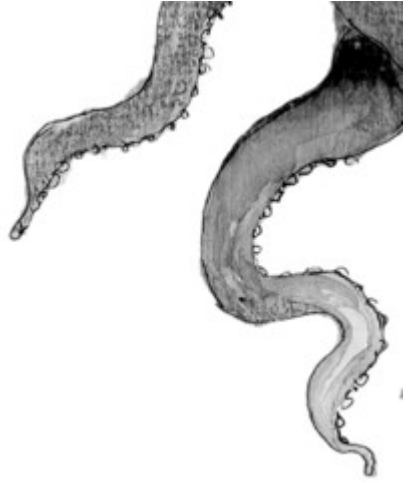
42 anos, nasceu em Diadema e atualmente mora em São Paulo capital. É publicitário e sempre trabalhou como redator e roteirista. Antes de se escrever um livro, criou e dirigiu algumas peças de teatro e um musical.

1

As duas rodinhas. As mãos tremendo. O suor no rosto. O vento. As folhas. O farfalhar, farfalhar, farfalhar. A voz em sua cabeça: vai falhar, vai falhar, vai falhar.

2

Enquanto crianças corriam entre poças d'água, rindo sob as gotas geladas que dançavam do céu, Ana sentia seus próprios olhos se anuviarem. As folhas, assim como as lembranças, pintadas em tons sépia, lembravam do seu avô. E, enquanto elas caíam, assomava as mãos calejadas lhe tirando pouco a pouco, seu vestido florido.



Gianmarco Farfán Cerdán

(Lima, Perú, 1978). Escritor, periodista y crítico de cine. En 2023 fue uno de los cuatro ganadores del Best Poet Prize del Philippine Venue of the Chinese Poetry Spring Festival Gala (Filipinas). Finalista del Premio Anual al Periodismo “Ramón Remolina Serrano” (2012). Mención Honrosa del Concurso de cuentos “Horas de ágora” (2006). Sus cuentos integran cuatro antologías argentinas, una chilena y una nicaragüense. También están incluidos en un libro de Estados Unidos y en 16 revistas de diez países.

UNA NOCHE DE OTOÑO

Esa mañana, mientras Hubert buscaba un sitio para su auto en el estacionamiento de la empresa, comenzó a recordar sus últimos días buenos con Janice. Quería olvidarla, pero ella aparecía como un fantasma en sus pensamientos. Su dulce rostro y su largo cabello castaño lo invadían mientras subía el ascensor, saludaba a sus compañeros de la oficina o revisaba los documentos legales que debía entregar a su jefe. Ella no quería salir de su mente. O tal vez él no deseaba dejarla salir.

El otoño empezaba con aroma a nostalgia. El amor de Janice era lo mejor que le había pasado a Hubert. Pero ahora ella no estaba más. Se había ido. El departamento donde vivieron juntos, Hubert lo sentía como un museo de restos prehistóricos. Él imaginaba, por momentos, que su sala, su cocina o su dormitorio tenían el piso lleno de hojas secas, que ya no sirven, que ahora únicamente estorban. Esa noche, mientras dormía solo en la habitación, escuchó varias pisadas lentas sobre muchas hojas secas. Cuando abrió bien los ojos, Janice estaba allí, resplandeciente, junto a la cama. Ella lo besó, lo abrazó y se echó con él, cara a cara, hasta el amanecer.

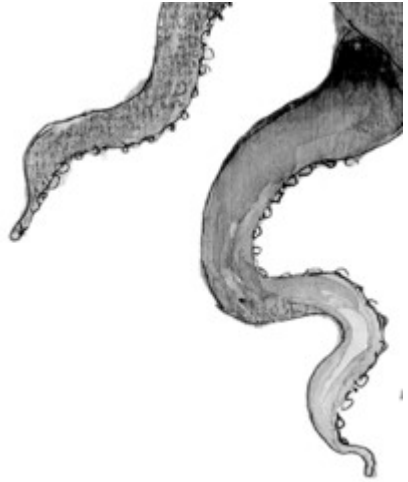


Gustavo Ramírez

Nasceu em 30 de março de 1991 na cidade de Puebla, é engenheiro ambiental e sociólogo com mestrado em biotecnologia e outro em agroecologia, território e soberania alimentar. Atualmente é professor pesquisador em nível universitário e professor divulgador sociocientífico. Na literatura, tem se concentrado em poesia, contos e contos; atualmente está finalizando seu primeiro romance. Paralelamente, tem participado em diversas antologias e revistas nacionais e internacionais.

RECORDAÇÕES DE OUTONO

Entre as árvores nuas, o vento sussurra histórias de folhas caídas e do nosso amor murcho. Na floresta de outono me perco pensando, ali o tempo se esvai com os tons verdes, vermelhos, amarelos e marrons da natureza. Um homem solitário como eu percorre o caminho coberto de folhas secas, buscando entre as lembranças do verão quando éramos felizes. Nesse momento vejo você passando tecendo segredos na névoa da manhã, tento te alcançar e não consigo, as longas sombras dançam com a luz moribunda do sol. Neste mundo efêmero de folhas e saudades, cada suspiro é um adeus ao calor de ontem, e cada folha que cai é um estrondo de realidade à minha solidão.



Heidi Lauterbach

Nascida em 1939 na Alemanha, veio para o Brasil em 1961. Sempre gostou de escrever, inicialmente relatos da vida no Brasil para seus amigos na Alemanha, mais tarde colaborando com crônicas para o Jornal de Gramado, onde mora. Viúva, se define assim:

“Tenho idade suficiente para ser livre em todos os sentidos. Liberdade de ser, viver, pensar, agir, fugir de mesquinhez de pensamento, encontrar qualquer pontinho de luz na noite mais escura.”

Atualmente, vive em Gramado, RS

CÁRIA E UARÁ

Cária estava cansada. Banhando-se no ouro dos raios do sol se pondo, ficou grata quando o amigo Ventus enviou uma brisa e sacudiu seus galhos levemente. Estavam pesados, as bolas cheias com futuras mudas precisavam da ajuda da grande família de Luza para encontrar seu destino.

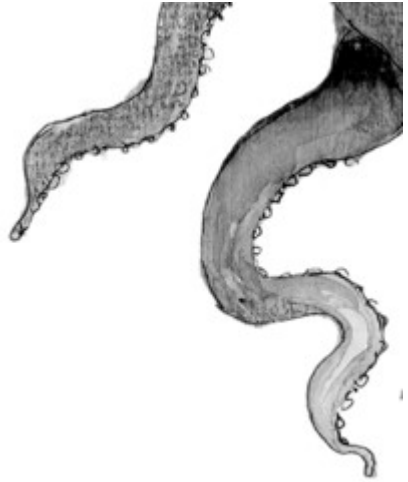
“Ei, Uará, me ajuda cantar para chamar Luza, por favor”, sussurrou para seu companheiro de tantos anos, enraizado longe e perto o suficiente para que suas sementes sempre a alcançassem, claro que com a ajuda de Ventus. Agora precisava livrar-se da carga.

“Pode ser amanhã, Cária? Já é quase noite, Luza deve estar dormindo,” soprou Uará.

E Luza estava só esperando a chamada. Reuniu os parentes, e atravessaram o rio, o sol fazendo suas penas azuis reluzir, voando até os fortes galhos de Uará.

“Lembra, Luza, que, alguns anos atrás, vocês tiveram a ajuda do esquilinho, aí da esquina, para enterrar pinhões? Nasceram duas árvores, estou vendo daqui; tento fazer sombra para eles.”

Luza suspirou contente, e, animada, juntou a turma para quebrarem as bolas, começando assim, como sempre no outono, o trabalho de cuidar do futuro da floresta.



Heidi Carolina Molina Duque

Nace en Caracas, Venezuela. Su vida transcurre en la ciudad de la Grita, Estado Táchira. Se gradúa de Licenciada en Educación Integral con área de concentración en Lengua. Años más tarde, obtiene el título de Magister en Ciencias mención Orientación de la Conducta y un Diplomado en Recursos Humanos. Inicia en el arte de la escritura a mediados del año 2023, participando en concursos literarios y colaborando con diversas revistas digitales.

Conoce sus obras en Instagram: [heidimolina18](https://www.instagram.com/heidimolina18)

REGALO CUMPLEAÑOS

Inicia el otoño, las hojas de los árboles caen lentamente con el susurrar del viento.

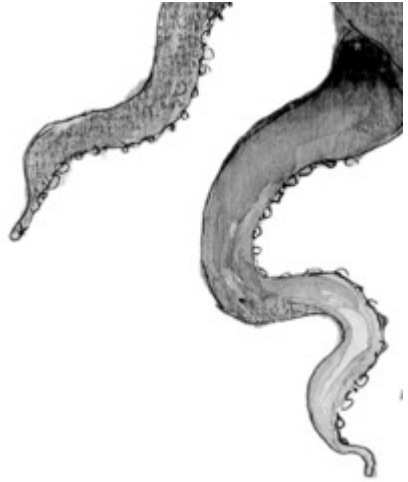
Elhy, observa fascinado y toma asiento en una banca que se encuentra cerca de la escuela.

No logra comprender del todo cómo van cayendo una por una al compás de un vals que salta de pronto en su cabeza.

Queda admirado por el color peculiar y la simetría perfecta de aquel mágico lugar.

No desea irse, pero oye el llamado de sus padres.

Solo queda agradecerles por cumplir tan anhelado regalo de cumpleaños ¡Visitar a la Tierra por primera vez!



Helena Maria Domeneghini

Natural de Vacaria/RS. Atualmente, reside em Portimão, Portugal. Graduiu-se em Letras e em Direito. Depois da aposentadoria, ao ingressar no Laboratório de Escrita Criativa, Programa Sênior da Universidade de Caxias do Sul, campus Região das Hortênsias, descobriu o prazer de inventar e de converter-se em outras pessoas. As pequenas coisas da rotina diária, livros, músicas, artes manuais e viagens, não necessariamente nessa ordem, inspiram os temas e evocam memórias que são traduzidas em palavras.

CICLOS

Apogeu do verão.

A Belaemília encantou-se com Cravo: um caso de amor-perfeito. Casaram-se na flor-de-maio. Estabeleceram morada no Cipó-de-São-João.

Pouco tempo depois, Belaemília começou a minguar.

Havia rumores de que a azaleia, purpúreo despeito, e a flor-de-cone, nutrindo más intenções, tramaram ramas.

Cravo, alma confrangida, virou um tanganho. Belaemília a amarelecer.

Cravo recorreu às Mulheres da Lux.

Cândido broto, não conheces a Roda do Ano. Característica da vida é a intermitência. Descansa. Para desabrochar novamente é preciso vencer etapas. Nada que uma brisa de primavera não restabeleça o ânimo.

Mas como? Inverno ainda está. Por-vir.

MEIA-VIDA. MEIA-VOLTA.

A viver entre estações: saí antes da primavera;
cheguei quando já soprava aragem fresca.
Não vi as flores exibirem suas cores.
Também não consegui reter as folhas.
A vida segue sendo o que é: dias se alternam no parafuso da
terra.
Fui capturada pela roda do tempo.
Como um gato, ataco meu próprio rabo.
A transição subverteu meu eixo.
Vivo em giro, agora; ainda.
Às voltas com o umbigo.
Dele vão brotar ramos se eu conseguir dar meia-volta.
E se der volta e meia, aonde irei parafusar?

NINI

¿Mami, por qué no paras un ratito? Me estás poniendo nerviosa.

¡Qué tonterías estás diciendo, Hormiguita! Sabes que necesitamos llenar la despensa. Las hojas amarillas; los árboles, casi desnudos. ¿No los vês?

No hay que preocuparse, querida mamá.

Hay un ejército de obreras y la población aumentará hasta el final del outoño.

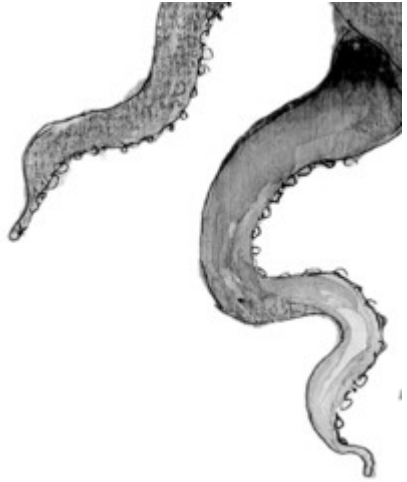
(Piensa que es reina.)

Hormiguita (Miguita para los íntimos). Prefiero llamarla Ni (estudia) Ni (trabaja). Come y duerme.

Mientas, la incansable mamá; padece del dolor de espalda. Todo el día, el día todo, cargando hojas y más hojas, semillas, pétalos.

- Miguita, supongamos que yo me muero pronto.

Ya lo tengo todo planeado: me voy a vivir nel azucarero. Blanca y blanda (hasta que lhegare la primavera). El futuro es de Dios.



Ivone Renck

Médica há mais de 50 anos, com o sonho de repartir experiências e vivências de sua vida. Uma espécie de legado, de como as coisas eram e não são mais..

GOTAS NO OUTONO

Na janela embaçada escrevo e desenho, arte efêmera!

Por seu espaço vazado vejo a chuva, as gotas brilhantes despen-
cando na pauta musical dos fios de luz, representando uma músi-
ca inédita, e por fim escorrendo como os dedos de um violinista
demente, até formarem um lago junto à calçada.

OUTONO COMEÇOU MAL

Agora que recebi meu ordenado, posso levar meu xodó à um lanchinho e ao cinema, já que com um tempo deste não dá pra passear na orla do Guaíba. Eram bons esses passeios, mas o verão passou.

Pagarei o albergue amanhã, dona Milu que espere.

Que “cachorro quente”, bem quente, esse do Zé do Passaporte. Aqueceu essa noite fria. Cinema, era só atravessar a Osvaldo, pois no Baltimore estreava Dr. Jivago. Romântico, longo, muitos e quentes amassos..

Entrego a mocinha na sua pensão, volto assobiando. D. Milu na porta- “Aqui se paga no dia”

- Pois não, aqui está o seu dinheiro. Opa não! Como? Onde? Há bem pouco estava aqui, paguei a entrada do cinema...

Aquela moçreia vigarista ...

DIÁLOGO NO OLIMPO

Demeter! Assim não dá! Discursa Zeus, tens que te recompor, as folhas estão caindo as plantas secando, poh! O povo já está passando fome!

Nunca sem minha filha!

Eu que sou o pai nem tô sofrendo.

Hades, pérfido Hades, devolve minha filha...

Vais despovoar a terra. E para Hades:- ei!- irmão devolve Perséfone ou te julgarei pelo estatuto do menor.

Agora é tarde! Ela acaba de comer o grão de romã.

Bem, bem, então ela ficará metade do tempo contigo e outra metade com a mãe, essa louca desvairada, que é capaz de perder a nossa Criação e termos que recomeçar tudo de novo. Satisfeita Demeter?

Ainda não voltarei a sorrir, e como isto será só no OUTRO ANO, chamarei esta época de- OUTONO.



Jacira Fagundes

Natural de Porto Alegre. Escritora com vinte livros publicados, entre infantil, juvenil, contos e novela, incluindo 2 publicações em Braille.

Palestrante e ministrante de oficinas literárias.

Selecionada no Concurso de Microcontos de Humor de Piracicaba em 2018 e autora da obra de minicontos “Pequenos Notáveis”.

Publicou recentemente o infantil “A escolha de Camila” e “Pinta uma história pra mim” que convida o leitor a ilustrar, na medida em que lê.

É organizadora de duas coletâneas de contos, resultantes de oficinas literárias que ministrou na Editora Metamorfose, em Porto Alegre. É colunista do Portal www.artistasgauchos.com.br

OUTONO

Aqui da janela, as vidraças escancaradas, vislumbro a manhã outonal. Lembranças me tomam de assalto e eu corro atrás do meu menino. Quero alcança-lo e ele se distancia, depois se esconde atrás dos arbustos. Amassa, com os pezinhos miúdos, as folhas caídas ainda úmidas. Ri com os ruídos que produz – os trec que trec – e me acena em disparada.

De repente, a voz breve e forte na porta do quarto, me acorda das lembranças.

– Até a volta, mamãe!

Antes, suspendo uma lágrima incômoda, e sustento o sorriso frágil.

– Ainda é cedo, filho. Quando retornas?

– Sem datas, mãe. Aviso.

– Aguardo. Boa viagem, meu filho.

No próximo outono, meu desejo de que juntos, possamos apreciar as folhas formarem um belo tapete no chão. Ainda por mais uma vez.

MANHÃ OUTONAL

Há três dias entrou o outono. Não havia percebido, encerrada que estava frente ao espelho do nosso quarto, remoendo tristezas em minha solidão. A persiana baixa e a cortina corrida de ponta a ponta.

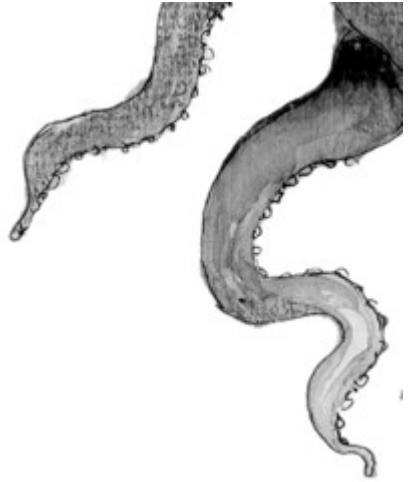
E então minha alma reacendeu esperança ao abrir a janela e deixar que entrasse a luz natural.

Saudades das manhãs lindas, temperatura amena, o sol irradiando feixes de luz de um amarelo singelo e transparente a contrastar com o esverdeado das folhas da figueira.

Lembra, amor, como gostávamos de olhar o pátio da nossa casa, apoiados no parapeito da janela? Como víamos detalhes diferentes nas cores das ramagens, os tons, a diversidade de sombras, os muitos caminhos feitos na véspera pelos pequeninos animais em nosso quintal? Por vezes, habitantes de nossa fantasia?

Quisera eternizar estes momentos. Mas faltam-me os pincéis para as aquarelas. E o olhar original dos talentosos.

Por onde andarás, amor?



Janete Thomas Prinstrop

Nasceu em Gramado, Rio Grande do Sul, em 1961. Esta é sua segunda publicação.

DESCARTE

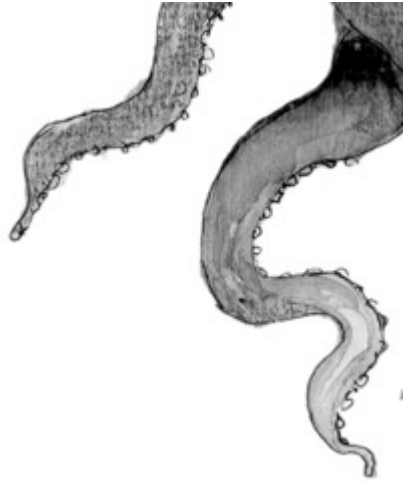
Não vemos o rosto atrás da folha de plátano. Também não sabemos se é homem ou mulher. Pela roupa também não é possível saber, já que veste um traje normal, que tanto um homem quanto uma mulher vestiriam. Contudo, os pés estão descalços. São pés demasiado grandes para uma mulher e obviamente pequenos para um homem. Mais de perto percebe-se uma certa delicadeza na altura dos calcanhares, contrastando com a sujeira das unhas cobertas de barro seco. O mais intrigante são os movimentos: ora vagarosos, ora ansiosos, quase a correr. Continuamos no seu encalço. Mais adiante, para nossa surpresa, os pés são retirados e jogados na lata de lixo orgânico, juntamente com a folha de plátano. Ainda não sabemos se é homem ou mulher.

A VOVÓ DISSE

- Acho que aquele traste não passa de hoje. - Que dia é hoje mamãe? - Seis ou sete, não sei, sei que é abril. - Então não vai ser hoje! - Você não sabe de nada menina. - Mas a vovó disse que só as pessoas ruins morrem no outono.

CÓLICA

O padre chegou no horário combinado. Com a mão direita empunhando uma cruz e na esquerda uma bacia cheia de folha santa. Exorcismo outonal, se gabava o padre. Um método novo, explicava: empanturrava a pequena de folha seca e outras porcarias, e depois, é claro, ela vomitaria. Perguntei se poderia participar. - Não. O caso da minha caçula era muito grave. Gravíssimo. Havia a possibilidade de que ela cagasse o próprio diabo.



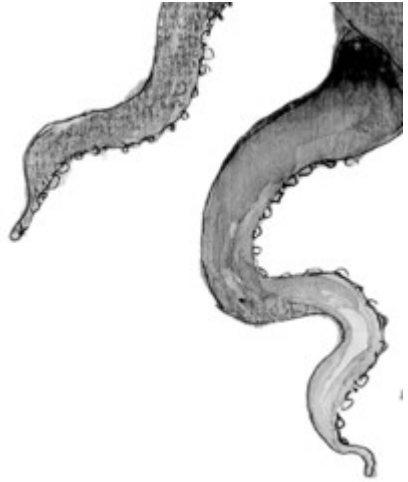
Jesús Alcañiz García

(1961), Madrid, España. Filólogo y Profesor. Ha publicado en revistas y antologías como *Papenfuss*, *Campanadas*, *100 palabras de corazón*, *Manifiesto azul 2021 y 2022*, *Alborismos*, *Quimera nº 464-465*, *Micros*, *Equilibristas*, *Microrrelatos esotéricos*, *Brevestiaro*, *Basta! Contra la violencia de género*, *Contra toda violencia*, y *Microrrelatos eróticos*, entre otras. Finalista en IX Concurso Elact, IX Premio Manuel J. Peláez y en la convocatoria de Microrrelatos ilustrados de la Universidad de Jaén, VI y VII. Mi blog: <https://autorrelatosblog.wordpress.com>

NOSOTROS, LOS DE ENTONCES...

En el otoño de sus vidas, treinta años después, coinciden en un balneario. Comparten chorros y burbujas como unos adolescentes, ríen, se echan agua, se toman de la mano, se besan en el jacuzzi. En la habitación, se entrelazan entre risas cómplices, comparten con pasión y lujuria barriga, pechos caídos, calva, flacidez, celulitis, papada, lorzas.

Al despedirse, después del mejor sexo de sus vidas, lamentan en silencio que ninguno de los dos haya dado por fin el paso que no dieron en su día.



Jimmy A. Castro Zambrano

Nasceu em Caracas, Venezuela, em 1977. Graduado em Artes, com menção Cinematografia, pela Escola de Artes da Universidade Central da Venezuela, 2012. Atualmente mora em Buenos Aires, Argentina.

Finalista do 9º Concurso Internacional de Micro Histórias, Ediciones Mis Escritos, Argentina, 2023. História: O Viajante.

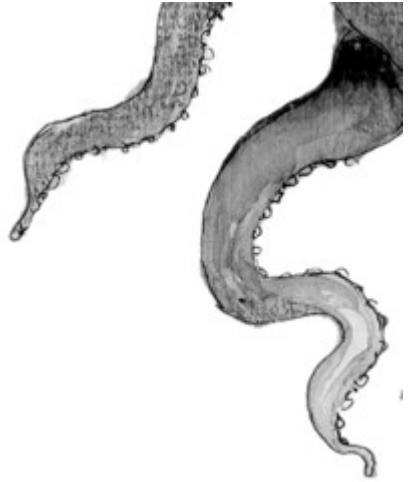
Publicação na antologia Terror, volume 3, pela Editorial Lebrí, México, 2023. História: Bris.

Primeiro lugar na convocatória da antologia Detetives y Bandidos, homenagem a Roberto Bolaño, da Gold Editorial, Colômbia 2023. História: O telhado.

Instagram: @jimmyartista

A BUSCA

Ele saiu da cama chateado, frustrado, era a terceira noite que um barulho incessante o impedia de dormir tranquilo, ele não sabia de onde vinha nem o que estava causando isso, acendeu a luz e o barulho parou, ele começou a vasculhar todo o quarto, checkou embaixo da cama, não encontrou nada, abriu as portas e gavetas do armário, também não encontrou a causa, olhou pela janela, a árvore em frente estava nua devido à chegada do outono, mas não encontrou nenhum indício de que alguma coisa esfregou no vidro, procurou por toda parte, remexendo na estante, nos aparatos tecnológicos, nas caixas, tudo foi infrutífero, desapontado por não encontrar o que estava fazendo o barulho, apagou a luz e deitou-se novamente, o cansaço logo o dominou e ele adormeceu. Depois de um tempo o barulho recomeçou, era muito particular, como o barulho que um cachorro faz no quintal quando cava a terra ou um gato quando rasga a porta porque quer sair, ainda meio adormecido tapou os ouvidos tentando minimizá-lo, mas sentiu-o mais forte do que nunca, balançou a cabeça de um lado para o outro impotente, não sabia que o barulho vinha de dentro do seu canal auditivo e que era feito por um inseto que estava correndo para ele.

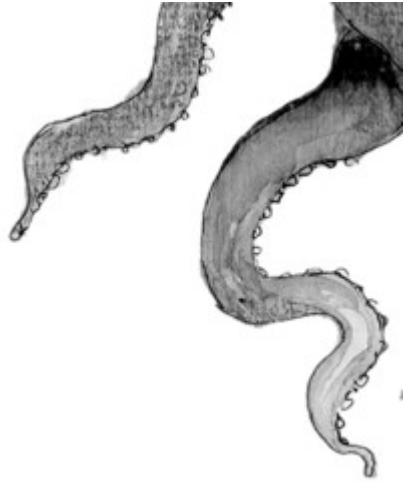


José Jesús Rodríguez Velázquez

Taller de Poesía en Voz Alta, en la Casa de la Cultura y las Artes José Emilio Pacheco en Tlalnepantla. Performances Poéticas al aire libre, presentaciones de poesía en cafés literarios o en bares, etc. -Programa de Radio Local de Facebook Fabulas en sol compartiendo el programa con el Mágico. -3 publicaciones en revistas electrónicas. Las dos publicaciones en Ediciones Pluma revista electrónica de Argentina, y otra publicación en revista cotidiana de España.

DESIERTOS ESCARLATA

En la cámara de los sueños, cuando todo se hace eterno a la media noche, la luna sangrienta, se eleva por las cabezas de los pensadores de la civilización helénica, la duda es una sospecha o una verdad, todo depende del mundo microscópico que la observe. A decir verdad, lo que tengo para decirles, es que en aquellos sueños el sol se elevó por las montañas del imperio romano, se ocultó detrás de las sombras de las máscaras de oro detrás del trono, desde ahí un ser innombrable emergió de las profundidades del horror o del sueño, fue matando a trillones de dioses en millones de realidades, a los mismos dioses que les cercenaba las cabezas, fue bebiendo su sangre y ansiaba en el tiempo voraz, devorar la sustancia celeste, pero las miríadas de ángeles lo encadenaron con sus espadas de luz. Más allá de todas estas arcanas pesadillas, vi a lo lejos bailar a ángeles blancos con paraguas negros y ángeles negros con paraguas blancos, bailar en el ajedrez de los dos muros de los Archihierofantes que predecían estos eventos cronológicos y cósmicos. ¡Oh!, La pesadilla la escribían millones de seres con cabeza de cubo que tenían tres ojos sin boca, saludaban a los carruajes de los que amaban el poder y los que amaban el dinero, pero en ambos seres residía la misma demencia. Los seres querían enfrentarse a los a miríadas de ángeles, pero fueron desterrados con la triangulación del verbo a los desiertos escarlata. Continua la pesadilla, salgo a caminar y veo que va a comenzar a llover, ¡Oh!, es terrible ver que las gotas son las cabezas cercenadas de los trillones de dioses que mato el ser encadenado, ahora caen y van creciendo como una rosa roja en los desiertos escarlata.



Josi Rodrigues

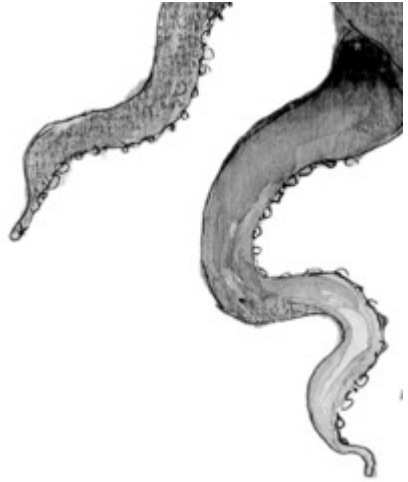
formada em Letras Língua Portuguesa, tenho 26 anos. Escrevo a mais de 7 anos e encontro na literatura um refúgio. Escrever minicontos não é meu forte, mas gosto de me desafiar, por isso nada mais justo que criá-los!

A FOLHA SECA

Levada pela correnteza do rio, uma simples folha seca se vai, levando consigo mais do que sua coloração bonita e alaranjada, além de minha caligrafia torta e sem sentido, mas o frio que habita em meu coração e que está prestes a te encobrir depois que o outono passar. Caso ela em ti chegar, apenas a rasgue como fez com meu coração, pois ela é tão fina e frágil quanto o amor que a mim prometeu.

SOBRE ENCONTRAR O DIFERENTE

Se procurar por algo em meio ao alaranjado outonal, talvez encontre alguém, tão insignificante quanto uma folha no meio de tantas outras, mas tão rica quanto a única planta que ainda luta para manter suas folhas verdes, ainda que corrompida pelo laranja. E mesmo que tudo o que encontre seja a mesma cor e as mesmas formas por toda parte, haverá algo diferente nela. Talvez seja teimosa, talvez seja tola, porém ainda assim, possui a sua beleza e seu real significado, algo único e tão difícil de se encontrar, ainda que more em seus sonhos.

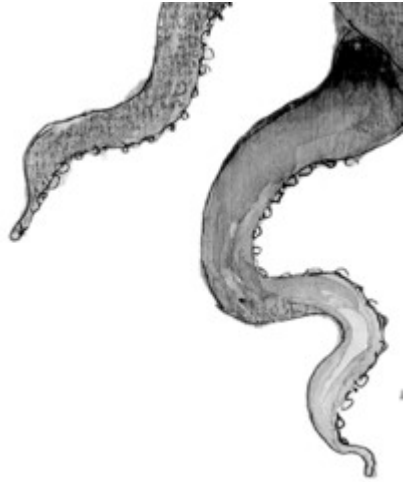


Juan Martínez Reyes

(Chimbote – Perú). Integra el Grupo Literario “Isla Blanca”. Publicó su plaqueta de microrrelatos “Juego Final” (Venezuela – 2021). Ha publicado en revistas diversas nacionales e internacionales (Perú, Chile, Colombia, Argentina, Venezuela, Bolivia, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua, Honduras, El Salvador, México, Estados Unidos y España). Finalista en el II Concurso de microrrelatos Bibliotecuento, organizado por la Casa de la Literatura Peruana (2017) y finalista en el Primer Certamen Literario Internacional Lone Star, organizado por Poetas Houston (Estados Unidos, 2020).

EL MONSTRUO DEL DESIERTO

Todo se derrumbó aquella noche de otoño, cuando vimos en la televisión, el noticiero donde aparecía el asesino, atrapado desde hacía una hora por la policía. Sin salir del asombro, supimos que el sujeto quien ultrajó y descuartizó a tres muchachas de la ciudad, era nuestro querido padre.



Juvêncio Braga

Nasceu em Fortaleza. Migrou para Minas Gerais em 1972. Doutor em Sociologia, é professor da Universidade Fumec (Belo Horizonte). A literatura faz parte de sua vida, tendo buscado a profissionalização por meio de participação em oficinas literárias e outras atividades. Em 2023 publicou seu primeiro livro de contos intitulado “Tempo *in blues*” (Editora Giostri).

CURSO DE VIOLÃO

Ele, aos quinze, fazia seus primeiros esforços de cantar e tocar violão. Ela, aos quarenta, era a professora do bairro. Um dia, penetraram em outra esfera quando, numa aula, ele sentiu os seios dela roçarem suas costas enquanto ela demonstrava uma melhor postura.

O tempo passava, a cada aula ele aprendia também uma outra música, as mãos no braço de seu violão e no corpo daquela mulher. E daí, um certo dia, num frenesi intenso, ele apareceu às seis da manhã. Ela disse que ele precisava refletir. Que era preciso ter um certo cuidado com os outros: “Precisamos saber como esta história vai continuar. Eu, por exemplo, tenho pensado até em mudar de bairro”. — Ele disse “então eu vou junto!” — Ela apenas balançou a cabeça, condescendente, com um leve sorriso, enquanto ele, sem palavras, num átimo, parecia entender.

Hoje, se alguém olha para esta história, o que se pode saber a mais? Será que vive nele apenas uma saudade de aluno daquilo que foi o melhor deles dois? E ela, será que lembra daqueles dias, retirada em seu mais íntimo amor verdadeiro? Ou, quem sabe, para eles tudo foi embora como folhas secas do outono daquele curso de violão.

O PRIMEIRO OUTONO

1963. Aos treze, sua vida era eterno verão. Colégio, brincadeiras e baladas com amigos. A mudança veio com um curso de inglês. O tempo dos amores se abriu com a presença dela. Ele passou a sentir a passagem do tempo, esperando o dia da aula, abrindo em sua mente a jovem sede de poesia, “Ah! enquanto não caem as flores, eu vejo nelas o amor; esse amor que perfuma minha alma...”

No intervalo, enquanto estavam juntos, ele sentia a angústia de não saber como falar o que queria dizer. Não seriam os versos.

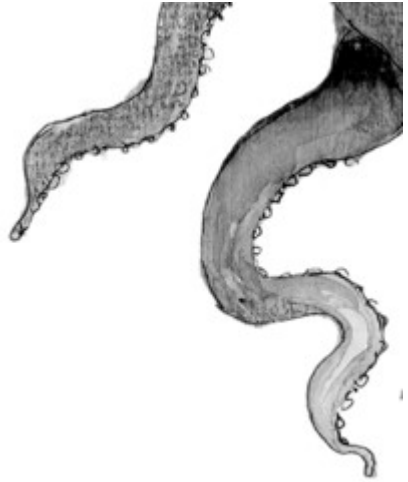
Um dia ela o convidou para acompanhá-la até o ponto de ônibus, na praça. Com o coração descompassado, ele se viu sentado com ela em um banco, vendo folhas secas outonais rolando pelo chão. O que dizer agora? Em sua mudez, tomou as mãos dela, aproximando-se em busca de um beijo, aceito com sofreguidão. O vento assobiou. Um passarinho pousou em uma roseira. Ela olhou para ele, depois olhou para o chão e disse que sua família iria mudar-se para outra cidade, longe. Uma folha avermelhada caiu entre eles. Ela a pegou e disse “será nossa lembrança. Vou guardar dentro de meu livro do curso de inglês”.

OUTONOS

Cada um tem um dia, seus momentos de vida em que uma pergunta vem, insistentemente, sobre tempo perdido, sobre caminhos errados, sobre se algo tem jeito ou nunca terá.

Assim, ali sentado no banco da praça, em meio as belas cores daquele dia ensolarado de outono, ele observa, com um olhar carinhoso, crianças brincando em um carrossel. Ele ri para si mesmo, exaltando a vida, sabendo que tantos verões e primaveras vivera, pensando no tempo e suas voltas.

Sua alma está coberta de folhas mortas nessa solidão. Essas folhas secas e belas rodam como lembranças aguçadas pelo livro de poemas que tem em mãos. Ele lê e para. Olha e lê. E olha novamente para as árvores que trazem em si a tristeza de ter de se esfolhar, mas antes colorindo as ruas, as praças. E ri, ali sozinho, vendo uma grande beleza em tudo. E fica pensando, quem dera, assim como as árvores em seu mistério sabem que novas folhas verdes vão nascer, ele também pudesse sonhar com um amor antigo, há muito esquecido, que de repente reapareça nesse outono de sua vida.



Karen Abuhab Rappaport

Sou empresária, estilista, esposa e mãe. Trabalho com moda há 25 anos. Tenho uma marca autoral, a prissé. Adoro escrever desde pequena (tipo 10 anos de idade). Já criei muitos personagens que ficaram ali....literalmente a ver navios. Hoje sou mais sintética e o mini conto é um estilo com o qual me identifico muito.

1

Me outorgo outonar no outono.

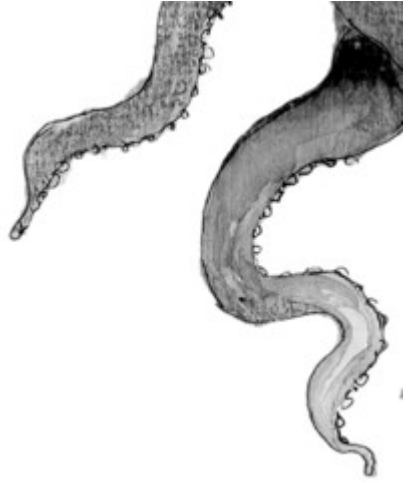
2

Outono,

Não tem tempo e nem vento que te leve longe.

3

O outono outornará a outonar outrora.



Karla Hernández Jiménez

(Veracruz, Ver, México)

Licenciada en Lingüística y Literatura Hispánica. Lectora por pasión y narradora por convicción, ha publicado un par de relatos en páginas nacionales e internacionales y fanzines. Actualmente es directora de Cósmica Fanzine.

EL MURMULLO DEL VIENTO

El viento comenzó a silbar, golpeando cada superficie a su paso, como si intentara encontrar algo o a alguien, moviendo las hojas que unas horas atrás habían teñido de color anaranjado los caminos del pueblo.

Silvia Rodríguez se apresuró a llegar a su casa.

Se acurrucó junto a la chimenea, mientras recordó con aire melancólico a Román.

Parecía que fue ayer cuando lo miró con esos ojos negros y suplicantes para que lo llevara observar por última vez las hojas cayendo de los árboles.

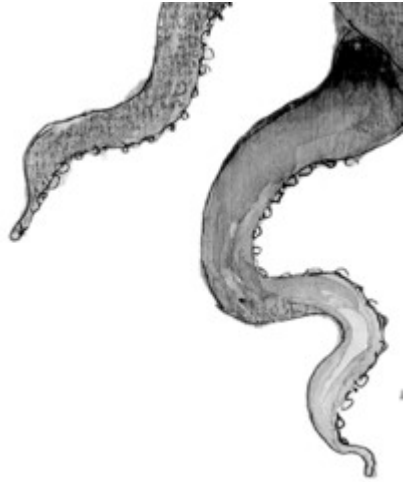
Ahora, Silvia lloró. Aún recordaba con añoranza los días que pasó junto a él.

Tomó un sorbo de su chocolate caliente y se le vino a la mente, por casualidad, esa antigua tradición que le habían enseñado sus padres acerca de que en noches como esa, los difuntos solían aparecer ante sus seres queridos. Lo pensó durante mucho tiempo, pero sintió que era algo ingenuo de su parte seguir creyendo en eso.

De pronto, tocaron a la puerta. Se levantó para abrir.

No lo podía creer, los mismos ojos negros, la miraron y una voz espectral le dijo desde la entrada:

—Ya estoy en casa, cariño.



Karla Riera Pizarro

Chilena, madre de 3 hijos, de profesión educadora diferencial, especializada en atención a la diversidad e inclusión educativa, casi 30 años de experiencia laboral, con vocación inmensa hacia el trabajo especializado con niños, jóvenes y adultos con necesidades educativas especiales. Escritora por pasión y exceso de creatividad; con ganas de expresar ideas y emociones.

ESTRELLAS DE LA TV

Hace mucho tiempo, existía un lugar donde todos sus habitantes querían ser estrellas de la Televisión. En la plaza se juntaban grupos de locutores animando con sus micrófonos, actores representando distintas obras, camarógrafos captando todas las imágenes, ...

El problema era que todos ellos querían que el pueblo solo tuviese 1 tipo de estrellas televisivas y por lo mismo invalidan a los otros grupos, descalificando su trabajo. El alcalde ya no sabía qué hacer para poder unirlos, cada día había más descontento.

Un día y ya comenzando el otoño, llegó al pueblo un señor muy distinguido, que impresionó a todos con su sabiduría y calma. Le pidió al alcalde reunir a todos en la plaza y de a poco les fue mostrando como unos necesitaban a los otros, y que era imposible que el pueblo avanzara con esos niveles de rivalidad. Les enseñó a vivir más unidos, respetando las diferencias, validando y utilizando las fortalezas del otro para aumentar los logros de todos.

Así y no mucho tiempo después, se encontraban celebrando por primera vez un gran festival de talentos en el pueblo, el que se transformó en un baluarte para siempre de esa comunidad.

¿POR QUÉ JUSTO HOY?

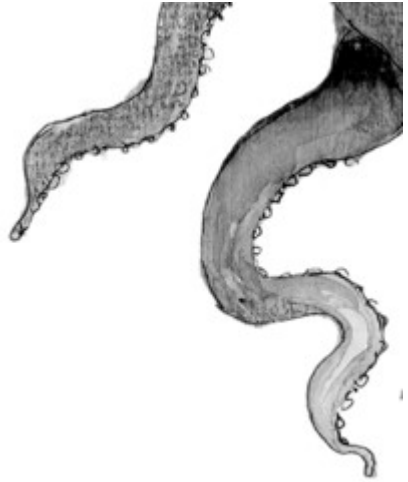
¿Por qué justo hoy se les ocurre hacer cambios?, ¿por qué justo hoy deciden no hacer clases normales?, ¿por qué justo hoy siento más frío y viento helado?, ¿por qué justo hoy todos están sensibles?, ¿por qué justo hoy quieren que nos abracemos?, ¿por qué justo hoy es el día para hablar con otros?, ¿por qué justo hoy ponen esa música tan cursi?, ¿por qué justo hoy mis compañeros se preocupan más por mí?, ¿por qué justo hoy mi maestra me mira con ojos de compasión?, ¿por qué justo hoy vienen personas ajenas a mi curso a saludarnos?, ¿por qué justo hoy se crean momentos de silencio tan incómodos?, ¿por qué justo hoy nos repiten a cada rato que nos extrañarán?, ¿por qué justo hoy nos sacan fotos de todo lo que hacemos?, ¿por qué justo hoy tenemos que escuchar discursos de despedida?, ¿por qué justo hoy todos me preguntan qué haré de mi vida después del colegio?, ¿por qué justo hoy me dicen que disfrute estas cosas especiales?, ¿por qué justo hoy no sé qué pensar, ni decir?, ¿por qué justo hoy me siento tan diferente?, ¿por qué justo hoy nadie me preparó para esto?

SERVILLETAS

Un columpio grande y de color gris, que hace juego con el cielo de ese día. Hace frío y cada vez que se da impulso con los pies roza las hojas secas que están en el piso y que el viento trae hasta ese lugar.

Su mamá le pidió que fuera a comprar servilletas al negocio de la esquina, ese día tenían visitas a almorzar y faltaban para poner en la mesa. Aprovechó unos minutos y se fue corriendo a la plaza, estar en el columpio siempre había sido su mejor momento del día.

Miró hacia el cielo y sintió que volaba, así se debe sentir al viajar en un avión, pensó. Cerró los ojos e imaginó que por fin podía visitar a su abuela en Chile, la vio abrir sus brazos y correr hacia a ella, donde la esperaba un abrazo largo y lleno de cariño. Su abuela le preparó la más rica empanada, la disfrutó y pensó que era lo más delicioso que había comido en su vida, cuando terminó de comer buscó la servilleta para limpiarse la boca... ¡la servilleta!, abrió los ojos y salió corriendo a toda velocidad.



Lia Regina Schuch Pressi

Nasci Lia Regina Schuch. Aos vinte anos acresci Pressi em nome do amor. Aposentada, com filhos criados e encaminhados, persigo a vida leve, na companhia do meu amado. A oportunidade de escrever apareceu através de uma amiga querida, que insistiu e eu, meio desconfiada, aceitei. Para minha surpresa, amei as aulas e os desafios propostos pela professora.

Hoje escrevo e, mesmo que não publique nada, sinto que é algo que veio para ficar na minha vida. Isto me deixa feliz.

CREPÚSCULO

Depois do calor do verão, outono chega como mensageiro do inverno.

Da minha janela avisto o parque da cidade, com seus plátanos imensos. Dali acompanho a metamorfose.

As folhas dos plátanos se matizam e se deitam a descansar. O vento outonal se encarrega de tirá-las para bailar. Caminhos coloridos enfeitam o andar dos passantes. Frequentadores habituais se encontram para conversar. Ali, as manhãs se arrastam, vagarosamente, enquanto nas ruas tudo urge.

Gosto dos anoiteceres do outono. A tarde fresca vai morrendo aos poucos, enquanto a luz do sol se prepara para o espetáculo. O céu tinto vai do vermelho alaranjando ao violeta. Quando se fundem, confundem e explodem em apoteose. Neste momento tudo parece parar, como se a natureza precisasse tomar folego pela emoção do “gran finale”.

Em seguida a magia se desfaz: as luzes da cidade acendem e a vida segue como tem que ser.

Com a aurora tão distante, quero muitos crepúsculos na minha existência. Quero sentir arrebatamento de pôr do sol. Desejo acreditar que é possível fechar etapas com beleza e êxtase.

No ocaso da vida, que me seja permitido sair de cena depois de muitos crepúsculos.

ESTAÇÃO FOME

O inverno se avizinhou. Clara o sentiu nas entranhas.

Já foi primavera, pueril, descompromissada, atrevida, inconveniente até.

A vida seguiu: Clara primaveril.

Verão se fez quando conheceu Arturo. Tempo de sol, calor, dias longos, quentes, paixão incandescente. Com ele vieram Belzinha e Tarciso. Uma casa cheia, compromissos sociais. As crianças cresceram. Estudos na cidade grande e logo seus “bem-querer” estavam nas profissões e formando família longe dela.

Foi nesta época que Arturo, do nada, passou mal e partiu. Como pode me abandonar às vésperas do meu sexagésimo aniversário, soluçava.

Assim, do início do outono, foi direto para o inverno (ou seria o inferno?): dias escuros, frios de completa inapetência. Os filhos acorreram para consolá-la. Trâmites burocráticos, partilhas de bens, disputas na família e desgastes com os seus jogaram Clara na amargura profunda. Solidão e depressão a acompanharam.

No sexagésimo quinto aniversário um vento outonal revirou seu cabelo, levou cores para suas folhas e ela sentiu fome! Fome de pé descalço e de comer fruta no pé. Fome de estudar. Fome de viajar. Fome de praia e mar. Fome de vida!

Foi então que decidiu que o inverno podia esperar, e, vestida de outono, Clara seguiu com sua vida.

O DESAPARECIDO

Outono é considerada a estação das frutas e faz a transição entre o calor do verão e o frio do inverno nas regiões de clima temperado do planeta.

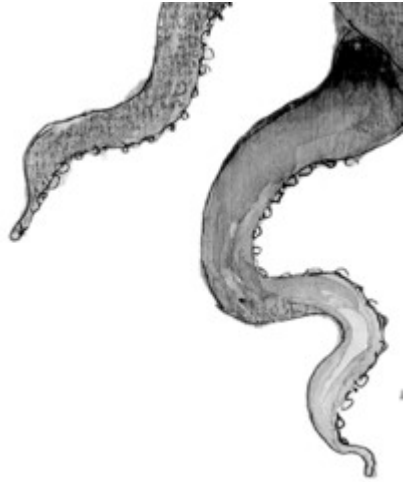
Maria sofre nesta estação do ano.

Na chácara, onde vive com os seus, é tempo de colheita. Da horta colhe todo tipo de legumes e frutas. Labuta tal qual formiga, armazenando o que produz. Conservas, geleias e doces ela faz como ninguém.

Aos sábados, levanta às três da manhã para ir à capital levar sua produção na feira de orgânicos. É lá que se sente feliz. Tem muita freguesia. Entre uma venda e outra, faz a entrega das encomendas especiais para uma clientela assídua. Ela é da terceira geração da família a manter a banca na feira.

Seu sorriso só desaparece quando uns guris aparecem por ali. Moleques malcriados que vêm atrapalhar e furtar os transeuntes. Quando os vê, sente angústia e dor. Algum deles poderia ser Davi, seu meio irmão. Davi sumiu no mundo levado pelo descaminho e pelas drogas. Sua mãe morreu de tristeza e a família procurou enquanto pode.

Sempre que o outono chega, Maria retoma seu luto e revive o drama, arrastando sofrimento ao duro inverno.



Liana Severo D'Abreu

nascida em Santana do Livramento, é uma artista visual versátil, com atuação em desenho, aquarela, fotografia, escultura, colagem e gravura. Com sede em Porto Alegre, administra seu próprio ateliê. Concentra-se na exploração do autorretrato e do retrato, utilizando técnicas como carvão, grafite e óleo. Além disso, compartilha crônicas do cotidiano nas redes sociais, buscando aprimorar suas habilidades literárias. Sua obra reflete a busca constante pela autoexpressão e aperfeiçoamento criativo.

FOLHAS DE OUTONO

Tão verde brilhante, bailante e pulsante.

Desprende-se

Cai em espiral

Mudança de perspectiva, cor e lugar,

Antes acima

Hoje abaixo;

Pisoteada

Se acinzentada

Chora

E finos

galhos;

Como filigranas

Feito fios, secos e solitários

Testemunham a queda.

Toadas urgentes, se fazem ouvir nos passos que esmigalham a secura

Paleta monocromática, invade

Se apodera...

E tudo muda;

Tudo, deteriora

Desintegra

Pra ser adubo

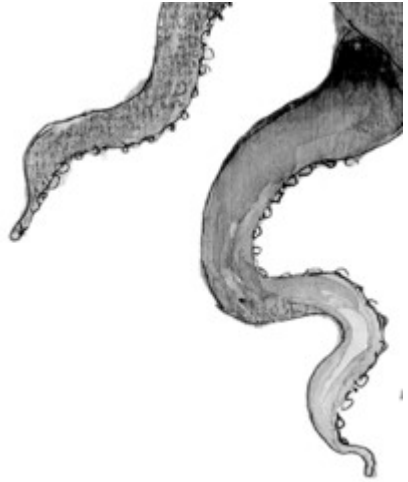
Cumprir ciclo;

Renascimento,

em frios momentos.

Trégua,

Repouso plácido, numa tarde outonal.



Lilian Amaral

nascida e crescida em Mairinque, sou designer de formação, mas, hoje, é nas palavras que encontro a alegria da criação e o prazer da fantasia. no meu blog, agulhandocontos.com.br, eu experimento, brinco e me divirto tecendo narrativas breves.

ABRIL DE

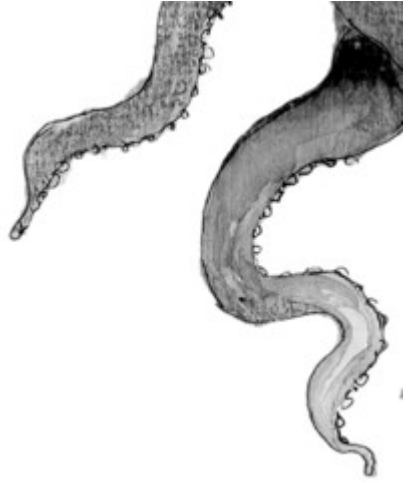
não era outono; embora algumas árvores se camuflassem em tons quentes, terrosos, e outras se desnudassem sem pudor. a luz dos dias era ceifada pouco a pouco, e as horas acrescidas de noites. o obscuro nevoeiro matinal que deveria encobrir apenas os corpos d'água solapava toda a área urbana, apagando os contornos, reduzindo os seres e os edifícios a um mistério indistinto. a sensação de frescor desaparecera, a umidade abafada era viscosa e deixava uma fina camada de resina na pele. era como se a vida estivesse temporariamente suspensa, como se uma expiação estivesse prestes a acontecer. essa sensação foi amplificada por um temor sobrenatural que isolou e calou as pessoas. não era outono; a atmosfera não era acolhedora nem nostálgica. era apenas o que restou.

ASSIM É A VIDA

enterrei o outono a sete palmos no jardim. a ausência acampou no inverno — dolorida. a primavera nasceu miúda e agitada. três meses depois, já estávamos passeando juntas na pracinha. ela era ligeira e esperta. sua pelagem e suas orelhas eram tão longas quanto tinham sido as de seu pai. era verão, e, neste ano, meu jardim parecia mais florido.

NAQUELE OUTONO,

trinta de março de 1962. o vento agudo revirava meus cabelos e sussurrava agouros. com passos ligeiros, eu triturava as folhas ressequidas da calçada, e o ruído estaladiço ecoava nas paredes desconhecidas. sobre a mensagem recebida, ninguém sabia. que eu havia escapado da escola, ninguém desconfiava. somente eu, somente eu sabia daquela insensatez. da sombra da árvore, ele se revelou como um espectro. os reflexos avermelhados do fim de tarde lhe conferiam um aspecto demoníaco. em seu colo, um saco grande esfarrapado se deformava, se contorcia, serpenteava, e gemidos atormentados se desprendiam dele. recuei dois passos quando o vi se agachar e abrir o saco. um vulto escuro saltou de dentro e chispou em minha direção. caí sentada no meio-fio, quase esmagada pelo corpanzil peludo. as lambidas gosmentas que recebi no rosto confirmaram que era o meu Thor. enquanto eu permanecia sentada na sarjeta abraçada ao meu companheiro fujão, o garoto me explicou como o havia encontrado. com gentileza, ele estendeu a mão para levantar-me, a mesma mão que, hoje, eu, desajeitadamente, tento anelar nossa aliança de bodas de ouro, enquanto nos afloramos em risos.



Liliana Rodolao

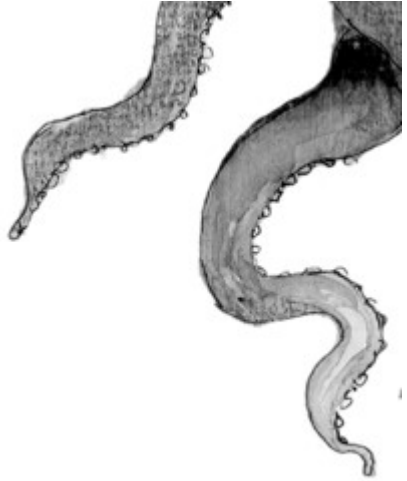
Me llamo Liliana Rodolao y tengo 39 años. Soy de Buenos Aires. Me gusta leer y escribir desde que tengo memoria; se me hace imposible decir cuándo exactamente comenzó mi amor por ambas cosas. Sin embargo, recién el año pasado (2023) me animé a enviar algunos de mis escritos cortos para participar en convocatorias de mi país, de México y Perú: quedé seleccionada en todas ellas, lo que me hizo realmente feliz y me motiva a continuar en este camino.

POR ERROR

Leónidas miraba las hojas rotas que tenía frente a él sobre la mesa de la cocina y, tomándose la cabeza con ambas manos, se lamentaba como si una tragedia acabara de ocurrir. Maldecía sus manos torpes.

Un color amarillo ocre era testigo del tiempo que había transcurrido para aquellas páginas. Ellas eran el más patente y vivo recuerdo del último otoño en el que había sido feliz; cuando aún le quedaban esperanzas. Luego, unas semanas más tarde, ocurriría aquello que había rechazado aceptar hasta el presente.

Un 2 de agosto, se enteraría de que su primer y único amor fallecería con tan solo 31 años; la causa era una enfermedad desconocida, descubierta por casualidad en controles médicos de rutina. Ante este hecho, ella se lo había comunicado por carta desde el extranjero, donde había vivido desde que se dijeron “hasta siempre” y se prometieron amor eterno, aunque sus vidas continuaran junto a otras personas. Esa carta era la despedida definitiva. En esos papeles, perduraba ella. Él, al hacer limpieza de los cajones de su escritorio, los había roto por error.



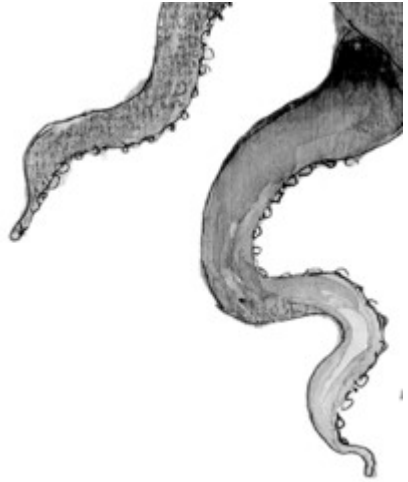
Lilian Aguilar de Andreutti

La Guaira, Venezuela. 1933.

Docente universitaria. Autora de materiales educativos impresos y de literatura infantil. Escribe minitextos en Facebook. Aparece en diversas antologías del género de minificción.

COSECHA

El anciano escritor era fuente de sabiduría, alimentada por viajes y lecturas. Su despertar al mundo ocurrió en primavera y su mirada inteligente reveló la vejez de su alma. En el otoño de su existencia se dedicó a divulgar ideas sobre conciencia planetaria. Consideraba que, a mayor elevación moral, menor corrupción política ¡Quién sabe cuántos! recibirían esa rica cosecha otoñal.



Lorita Lourdes Festa Rossi

Moro em um sítio na zona rural de Gramado há 36 anos. Neste local cultivamos chás e temperos orgânicos. Além deste trabalho concilio o de professora de yoga.

Gosto muito da natureza e uma das minhas atividades preferidas é caminhar na mata.

Sou Bacharel em Administração de Empresas, acabei sendo professora do estado e hoje estou aposentada.

Escrevi algumas poesias na adolescência, mas me encantei com a escrita ao fazer o curso Escrevendo Narrativas Breves do Programa UCS Sênior. Descobri o prazer em escrever.

ÁRVORE DESNUDA

Caminhando distraidamente, observei os matizes no chão.
Como está colorido!

Não identifico todos as cores por nome. São tantas nuances, tons mais claros, mais escuros, distribuídos em folhas caídas ao chão. Começo a recolher, uma, outra, mais uma, já não cabe mais em minhas mãos. Todas são lindas!

O que faço com elas? Levo-as para minha casa? Com que direito eu as tiro do seu lugar para meu bel prazer?

Questiono.

Observo.

Todas são multicoloridas.

Decidi: levo hoje para minha casa, e amanhã eu as devolvo.

No caminho comecei a me questionar de onde vieram elas, alguma árvore deixou-as cair.

Retorno.

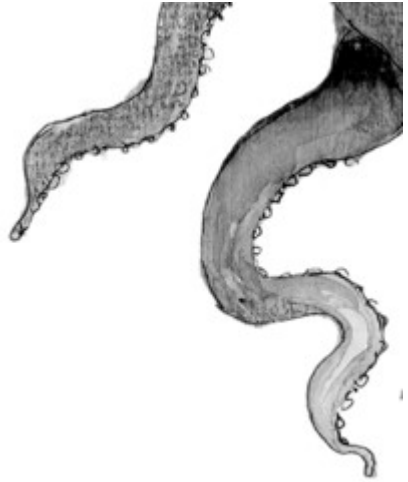
O que vejo: uma árvore totalmente nua.

Me pus no lugar dela, quanto frio vai sentir no inverno.
Está totalmente sem roupa!

Pobrezinha. Todos os anos é assim. Na primavera se cobre toda, no verão se protege e agora, no outono, se despe para a chegada do inverno.

Meditei.

Agi. Devolvo uma por uma de volta para o seu lugar.
Ali elas ficarão mais felizes.



Luciana Carnial

jornalista, formada na Fundação Cásper Libero- SP com mestrado em Literatura e Crítica Literária- PUC SP. Escritora, autora de “ Socorro Manhê”, voltado ao público infantojuvenil e artigos acadêmicos. Participa atualmente do LABÔ, no grupo de pesquisa MORTE e PÓS-MORTE- PUC SP.

OUTONO

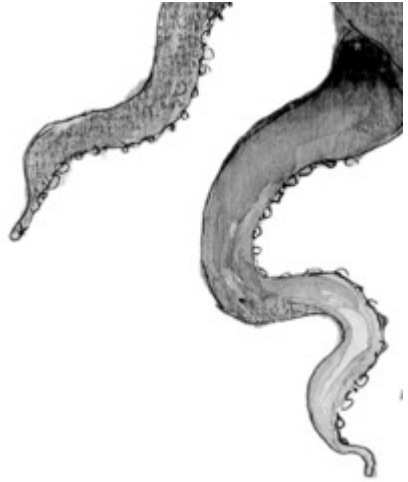
Primavera
Verão
Outono
(talvez) inverno

Morri

Alheia,
A natureza segue seu curso
Primavera, verão,
Outono,
Inverno .

Lembro do meu professor de biologia me explicando que algumas espécies de plantas desenvolvem mecanismo para resistir ao período mais frio.

Eu não desenvolvi tal mecanismo.
Já enfraquecida pela impiedosa queda das minhas folhas
Uma a uma
Sucumbi ao frio outono da minha alma
Virei galho seco
Que antes de secar completa e definitivamente,
Vislumbrava ser flor.



Lúcia Castilhos Zanatta

Escrever sempre foi minha vontade, mas não havia silêncio suficiente para escutar minha voz interior. A aposentadoria, pandemia e o sítio se alinharam e as palavras fluíram. A vida ficou divertida com contos e ficção me surpreendendo. O mosaico das ideias vai se moldando e a alegria, infinita. Querer mais o quê da vida?

Trafégo.
Marco o passo feito o descompasso do coração.
Um passo e já é outono, outra vez!
Quem fui?
Para onde vou?
O que te importa?
Caminho.
Busco o ninho feito pássaro estranho, aranha.
Olho para dentro. Sou tatuada.
Estou presa a imagem que muda a cada instante na paisagem.
Conectada a emoções camufladas, busco respirar.
Inflar.
Me tornar.
Folhas caídas e eu descalça.
O frio, o rio.
Eu, uma natureza morta.
Uma rua sem saída.
A calçada enleva.
Insisto em ver nos prédios, uma janela vestida, uma porta entreaberta.
Teço.
Me esqueço.
Me mato.
O tato é frio. Cheiro relevante.
Morte quadjuvante.
Sou experiente.
Cabelos cinza.
Pele áspera.
Corpo pesado.
Coração abalado.
Parada no tempo, a engrenagem falha.
Tudo estanca.
Fora é dentro.
A imagem da despedida capta a alma

Acordo cedo.
O calor já é intenso.
Ainda na cama, abro a janela.
Tisno a cor do vidro colorido.
Ponho um vestido de meia-manga e meu tosco chapéu de pano.
Descalça, saio a colher as folhas secas estendidas pelo chão.
Mais amarelo, penso.
Uma cor laranja aqui do lado do caquizeiro.
Trouxe o xale da mana. Coloco nos ombros.
Ele é verde, puxando a cor de folha seca.
Respiro fundo.
Absorvo as gotas de orvalho.
O silêncio é quebrado em folhas.
Distraio a imagem.
Volto.
Abro a janela.
Se expande o bafo da manhã, e o vestido é de alças. O chapéu é palha. Não há xale. Só saudade e o caquizeiro está camuflado na paisagem com suas folhas ainda verdes. Abro o cavalete na sombra e pinto gota a gota de orvalho na tela branca. Sento na grama verde e fresca. Deixo a cabeça pendida para trás e os braços seguram esta imagem. Olho o céu azul. Muito azul. O chapéu cáí.
A cabeça retorna pra frente, agora entre os joelhos.
A respiração é ofegante.
Volto a imagem. Xale nos ombros e o caquizeiro nu.
Derrubo os pincéis no chão. Anoto na agenda em letra cursiva, riscos grifados na palavra outono.
O conto nasce.
Então por fim levanto.
Então respiro.
Só assim respiro.

É verão eu sei.

Pra mim, outono.

Outono!

Aquele pós-verão com a sensação de introspecção, quando recolhemos os corpos e queremos colo.

É verão, mas estou outono.

Ela está com Parkinson.

Parkinson!

Ela. Ela sempre primavera.

Sempre sonhos. Sempre riso.

Pisoteio o outono. Sinto abandono.

Como nunca vi?

Procuro o fio do meu novelo.

Estou fazendo o casulo pra quem já foi um dia borboleta.

Aninho as lembranças e as fantasias.

Anseio lhe trazer dor cada vez que falo sobre isto, mas ainda preciso me convencer. Estou no processo.

E se ficar inverno?

Afrouxo o ponto. Medito pra alongar o tempo, mas ninguém foge ao seu destino.

Ser outono é parte da arte de um dia ter sido além de tudo, primavera, e há muitas primaveras num outono!

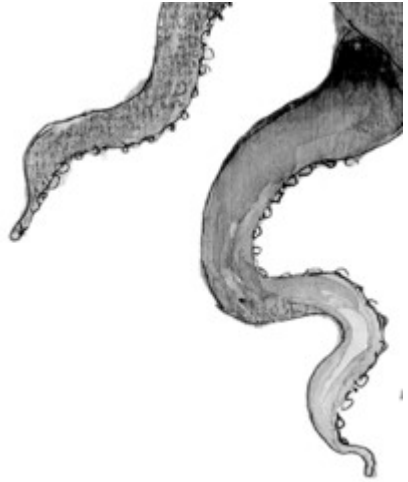
A camélia perde a cor, mas não seu perfume e as folhas do plátano sempre inspiram mesmo quando são apenas enfeite sobre a mesa.

Num bilhete do meu caderno, lembranças fortes e a constatação:

- Sem dor, não há doença.

* sentes dor neste instante?- Isto é o que sempre me pergunto.)

O outono é apenas um dos instantes das estações do ano e é meu, mas ainda vislumbro esperança, (por mim e por ti), toda vez que estou diante dos 235 vidros da minha janela.



Luis C. Torrico

((es el pseudónimo de Luis Fernando Cordero Torrico) escritor boliviano con estudios superiores en Comunicación Social. La temática de sus poemas, relatos, cuentos y microrrelatos suele ser diversa y es, más o menos, desde el año 2019 que empieza a difundir su obra a través de antologías, revistas, páginas web, programas radiofónicos y eventos locales. Desde el 2020 al 2022 ha dirigido la revista de poesía “Margen de Luz”.

CRÍMENES DE OTOÑO

Dos presos son ejecutados al amanecer bajo aquella pálida claridad que se refleja en los muros del patio y que, a partir de ese momento, quedó sellada en los rostros de los condenados. Según me ha puesto al tanto mi compañero de celda, a uno lo sentenciaron porque, después de haber contraído nupcias con la hija del coronel del regimiento, en primavera. Acabado el verano ya la estaba devolviendo a la casa paterna. En cambio, el otro fue acusado de matar el otoño:

-¿Por qué lo habría hecho? Le pregunté todo contrariado a mi interlocutor.

-Es que era poeta. Me contestó muy tranquilo.

-¡Ja, tenía que ser! Termine diciendo.

DESCRIPCIÓN DE UNA MAÑANA DE OTOÑO

He mirado con una reacción muy reveladora como llevaban los presos a la horca esta mañana. Los pasos de los prisioneros trataban de afianzarse a pesar del viento, en cambio, las botas de los oficiales que los escoltaban avanzaban con paso firme, como desafiando al viento. El cual golpeaba mi frente, por lo que dejé de verlos y me agaché tras la puerta. Mi compañero de celda se acercó y a modo de consolarme empezó a preguntar sobre los sentenciados, y era natural, él no había pasado lo suficiente aquí ni en el pueblo como para estar enterado de los pormenores. A modo de recuperarme le fui contando.

Pero me tranquilicé tanto que, al parecer, terminé desconcertando a mi acompañante, quien, a fin de cuentas, terminó dándome la razón sobre uno de los ejecutados.

OTOÑO, EL TEMA SUGERIDO

El juicio había comenzado y yo me defendía como podía ya que mi defensor había abandonado la causa, alegando que mi delito era tan grave que hasta era indigno asumir la defensa.

Entonces recordaba, como uno de mis alegatos que, en aquel taller de escritura creativa el mentor nos había propuesto como tema para el ejercicio que nos tocaba desarrollar, el otoño.

De inmediato los asistentes nos habíamos puesto a escribir. Y finalizado el tiempo para el ejercicio, el guía nos conminó a que leyéramos, cada uno, nuestros textos. Así, empezó la ronda de lectura.

El caso es que, cuando me tocó el turno y me puse de pie, ya todos comenzaron a mirarme fijamente, parecía que nadie pestañeaba y hasta el mentor aguardaba en silencio.

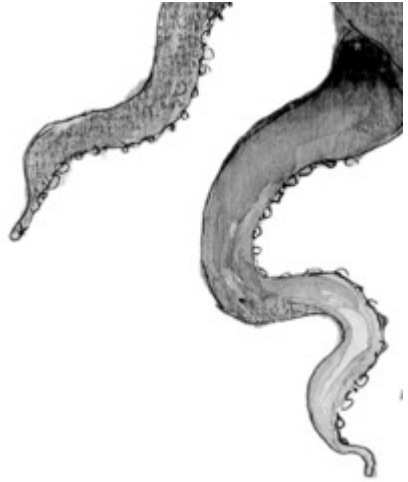
Entonces me puse a leer:

Manifiesto anti otoño

El camino se borra polvoriento y ciega el sembradío -¿Acaso comeremos tierra?-. Es una tempestad de tiempo. Pues bien, nuestra paciencia se ha acabado:

Los ninguneados no nos andamos con minucias y hacemos un llamado a la acción contundente, para asestarle el golpe de gracia...

Y ahí empezó todo, señor juez.



Marcia Noemia P Guimarães

Nasci na cidade do Rio de Janeiro. Sou graduada em Geografia na Universidade Federal Fluminense, mestre em Educação pela UERJ e Especialização em Literatura Infantil na UFF. O meu interesse pela literatura começa cedo, pois a narrativa oral sempre foi presente na minha infância com histórias contadas na família. Além disso, a geografia, o saber do homem comum, o amor pela Literatura são as principais fontes de criação dos meus escritos secretos como este que pode ser tornado público.

A CASA OUTONAL

Ir para aquele balneário era sempre bom. No entanto quando a Terra entrava no estado de Equinócio, nós todos e, tudo naquela casa, entrava em estado de outono. O mundo serenava mesmo com o vento uivante que insistia em entrar pelas janelas.

Numa tarde, o vento açoitava tudo, roupas eram arrancados do varal, fazia redemoinhos de areia, folhas e flores. Levantava as saias das mulheres e mandava embora os chapéus dos homens. Pelo basculante entravam folhas secas que caíam na máquina de costura, nos lençóis e travesseiros rendados. O chão ficava como chão de outono. Por ele entrava também uma réstia de luz onde brincávamos com o pó em suspensão.

A estação era a dos bolinhos de chuva, da broa de milho da avó e do café com o leite quente na caneca. O mundo era outonal sem complicações a esperar o inverno. As plantas com poucas flores começavam a adormecer. Mas os canarinhos ficavam próximo a porta esperando a canjiquinha e as cambaxirras em seus ninhos, acalentava o sono da tarde. Pela manhã o nevoeiro não possibilitava ver quem passava. Em pé na porta, tínhamos a gostosa sensação que o futuro seria bom como a estação.



María del Pilar Torres González

Colombia (62 años)

Comencé a escribir siendo adolescente, lo que me apasiona profundamente. Cuestionada sobre sueños inconclusos volví a escribir a mis 58 años.

Ganadora de varias convocatorias. Antologías digitales publicadas: 18 – libros publicados 2.

Continúo escribiendo poema y cuento. Estoy agradecida con Dios, mi familia y mi amigo el escritor Boliviano Ramiro Jordán V. por apoyarme en esta apasionante jornada. Email de contacto: mateotoys@gmail.com

AQUEL OTOÑO

Una mañana, recibiendo el aire fresco del otoño y sobre el regazo cálido del abuelo, la niña asombrada, disfrutaba del magistral vuelo de colibríes y mariposas que revoloteaban por el jardín. Quería acariciarlos y montar sus pequeños lomos para observar desde arriba la divina creación. El paisaje le infundía, paz y libertad.

Extasiada, observaba libélulas de alas tornasoladas, arboles semidesnudos y mariposas que, como pétalos coloridos, danzaban al viento.

Pero no volvieron al jardín dejándolo solitario y descolorido. Entonces, apretó fuertemente contra su pecho el reloj de bolsillo que le diera su abuelo antes de partir con grabados de libélulas en la tapa. Evocando sus enseñanzas, aprendió que las libélulas viven la mayor parte de su vida bajo el agua, saliendo en “su tiempo exacto” llevando sorpresas y esperanzas.

Con el tiempo, sembró jazmines y rosas. Viéndolas florecer, partió para estudiar llevando en su corazón abuelo, casa y su jardín otrora engalanado.

Inspirada, con palotes como cuando era niña dibujó sobre un firmamento azul, a su abuelo con barba blanca como algodón, dibujó flores, hojas cayendo, pájaros cantando dulcemente... como en aquel inolvidable otoño, libélulas, mariposas y aves aparecieron trayéndole alegría. Porque un jardín florecido, trae consigo ¡color y vida!

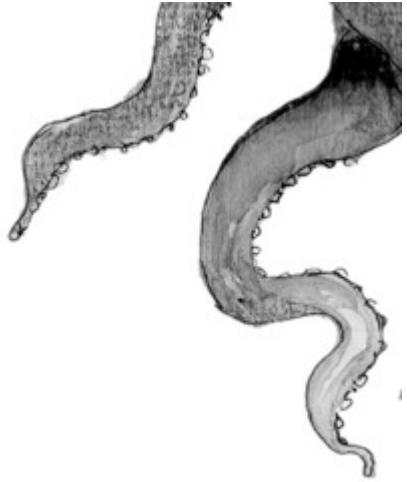
BAJO EL CEREZO

Fue para madre e hija una larga noche. La partera temerosa no creía lo que veía enfrente: una cavidad femenina albergando un nuevo ser; ampliada al máximo para culminar con el alumbramiento, mientras que, un par de pies se asomaban agitándose sin parar. Exhausta lloró la niña mientras sus piececillos desnudos parecían danzar en la penumbra del frío amanecer.

En realidad, de sus pies brotaban las memorias de sus ancestros cual raíces milenarias de un lejano bosque. Ella creció sin encajar y sin comprender aquel vacío. Precocemente mostró interés por aprender. Aprendió de la soledad y a defenderse. Aprendió que, sobre tierra mojada, brotarían sauce y roble, así como lirios y madreSelva. Era cuestión de plantar, regar y cuidar.

Aprendió a leer y amando hacerlo, descubrió que las estrellas que hoy vemos, aunque brillen sobre un limpio cielo, ya no existen más. Aprendió a danzar bajo la luna y hablar con las sombras de noches inciertas.

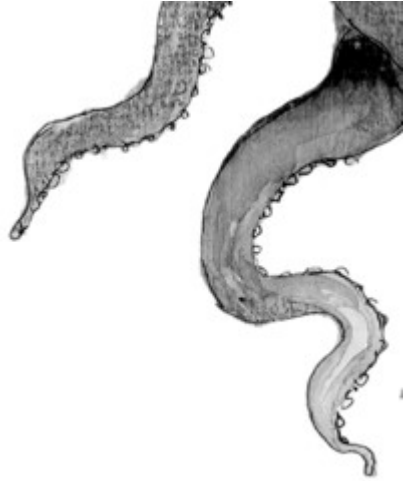
Escribiendo historias, una tarde otoñal, vistiose de rojo y ocre, trepó el cerezo, cerró sus ojitos. Camuflada entre algunas hojas que quedaban... se dejó caer al vacío. Dicen que la vieron descender suavemente. Otros afirman, que ella adorablemente, en un bello poema se convirtió.



Maria Eduarda Novaes

poeta, professora de Línguas, e terapeuta holística. Natural de Brasília/DF, diz ter uma gaucha Alma, que a trouxe de volta à sua verdadeira Querência, em 2018, um dia antes de completar 40 anos. Atualmente, prepara seu 6º livro, ainda sem título, mas o tema é o mais óbvio: um passeio poético pelo Amor.

Vejo 50 tons de Rosas e de Margaridas, tons que camuflam as minhas sombras e cancelam as minhas partidas. Eu vou “Enfrente!”, e sempre positivamente... Toco o áspero e o frio – todos carentes de carinhos, sobretudo a minha mão. Apresso o passo e ouço o estalar das plantas secas sendo esmagadas pela minha rebeldia infanto-juvenil viril. Alma em voo, corpo no leito: pensamentos caem sobre o Peito como as folhas caem ao chão. A Vida é simples, porque eu sei que OUTONO teu cérebro, OUTONO teu coração.



María Elena Lorenzin

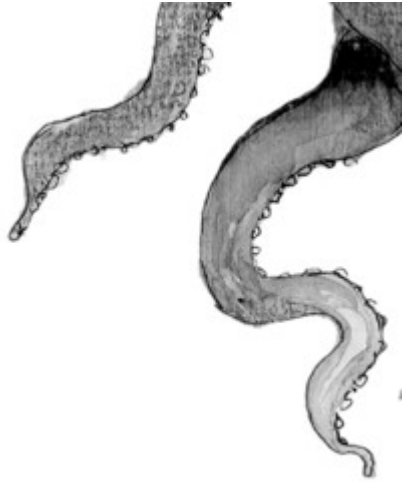
Argentina-Australia). Licenciada en Letras, Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza y doctorada en la Universidad de Flinders, Australia. Ha publicado tres libros de microrrelatos: *Microsueños* (2008), *Parricidio* (2018) y *La mutilación de Lavinia y otras víctimas* (2023). Sus textos han sido recogidos en múltiples antologías y revistas literarias. Es miembro fundadora de REM, Red de Escritoras Microficionistas.

Website: <https://marialorenzin.wixsite.com/miweb>

ENCUENTRO EN OTOÑO

Nunca imaginé que aquel otoño marcaría el inicio de una sucesión de meses que ahora intento desvanecer de mi memoria. La estación dorada se desplegaba en todo su esplendor cuando lo conocí en un picnic en el parque, rodeados de amigos comunes. De pronto, el sol se ocultó. Las primeras gotas de lluvia danzaron en el aire. A medida que la llovizna dispersaba a los demás, él permanecía a mi lado.

No puedo recordar con precisión el momento en que lo perdí de vista, pero lo volví a encontrar acercándose hacia mí con las manos cargadas de hojas secas. Así comenzó nuestro romance entre el crujir de hojas. En nuestros aniversarios, las rosas brillaban por su ausencia, mientras las hojas secas se multiplicaban a nuestro alrededor. Pero como todas las cosas, también llegó a su fin. Un revoltoso amor de primavera vino a traer flores frescas a mi jardín, cambiando el curso de las estaciones en mi corazón.



Maria Isabel Silveira

Nascida no campo, em Herval, RS.

Professora aposentada. Mãe. Leitora compulsiva. Apaixonada por histórias.

DONA MARIA

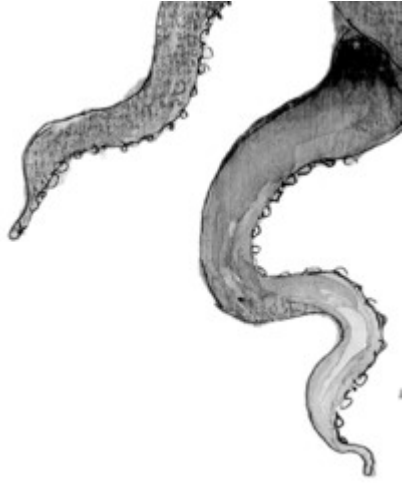
Dia 09 de abril. D. Maria (de 76 anos) caminha devagar até a mesa de atendimento no banco público do bairro. Quer renegociar a fatura do cartão de crédito. Venceu no dia 2. Operação feita. É preciso pagar a primeira parcela até o dia 10. Explica que não tem como pagar os 177 Reais. Não há alternativa. Sai tremendo a mão que segura a bolsa. Na rua pisa em folhas amareladas de plátano. Dribla o vento e toma um ônibus.

DOR DA ALMA

Nem o Acamprosato, nem o Diazepam, nem nada manda os monstros embora. Arranca catéter. Veste jeans, mete a camisa do hospital pra dentro da calça e uma jaqueta. O tremor, a magreza, a palidez, o cansaço o acompanham. Na esquina, o garçom serve o que João precisa. Mais uma dose, mais outra e outra. O coração desacelera.

MADRUGADA

A dor abdominal diminui quando uma massa sem forma, de coloração vermelho outonal, cai no vaso sanitário. Madrugada sem ônibus. Chá. Banheiro. Cama. Às 6h da manhã, sem absorvente adequado, chego ao atendimento emergencial. A atendente, primeiro, quer uma confissão: “O que você fez pra ficar neste estado?” O sonho foi com as folhas de parreira. Dor. Sede. Cansaço. Aquela cor ficou no meu macacão jeans. Quero continuar e continuar e continuar na bebedeira farmacológica e assistida.



María Isabel Quintana

Chilena, cuatro libros publicados. Escribe cuentos para adultos con enfoque de género. Aparece en antologías y ha recibido algunos premios.

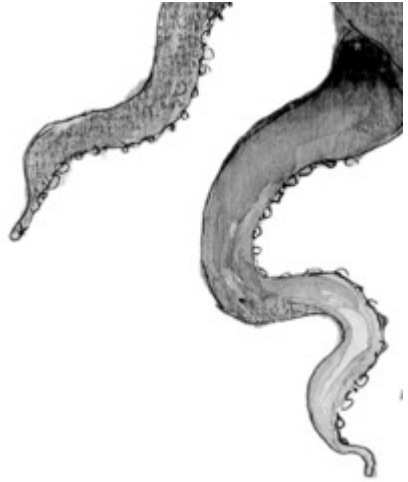
TEMPORAL DE OTOÑO

Entre las hojas amarillas era difícil recoger manzanas. El viento de marzo azotaba los árboles sin piedad y no eran pocas las ramas que caían con las frutas prendidas en ellas. Apuré la tarea porque el cielo oscuro amenazaba aguacero. Cogí la última fruta, mojada y blanda, debía estar podrida. Levanté la mano para lanzarla lejos y entonces, lo escuché. Era un pequeño jilguero que al sentirse apretado lanzó su último silbido antes de morir.

RUPTURA INESPERADA

Las casitas bajas del pueblo arrojaban humos azules sobre los tejados. El hombre, cabizbajo, caminaba a grandes zancadas entre la niebla y el frío. Las hojas húmedas amortiguaban sus pasos. Tenía prisa por llegar y arreglar las relaciones con su novia. En el último encuentro habían discutido por unos celos tontos. Las voces del poblado hablaban de un tercero y ella pregonaba su inocencia. A punto de llegar, vio chispas rojizas que salían de la chimenea de la casa de su amada y a sus pies llegaron restos de papeles quemados. Aplastó algunos y luego los levantó para asegurarse que estuvieran apagados.

A la luz de un farol leyó palabras sueltas: T...qu..., decía uno, en otro se veía perd..., y en un tercero mi... am... Pisoteó los papeles con rabia y en medio de la bruma deshizo el camino. Él nunca le había escrito una carta.



Maria Teresa Fornaciari

Paulista, escreveu *Tambores e Violinos*, *Encontros e Des-Encontros*, *Aveso Sentido* e *Coisas que não importam*. Professora durante mais de 30 anos em Universidades e Escolas de Ensino Médio, agora ministra Oficinas Literárias para crianças e adolescentes, o que a inspira escrever também para o público infantil. Recebeu prêmios em concursos literários e também a indicação para o Jabuti, em 2016, de seu livro de contos *Aveso Sentido*. Atualmente trabalha na finalização de seu primeiro romance.

O instante se fixa na foto e a memória cria moldura enquadrando a harmonia. A tal harmonia que às vezes se perde neste tempo de árvores nuas, sem o contorno da moldura.

A palavra nasce, engatinha, adquire soberba de maturidade e entende seu papel naquela fase em que as folhas caem. Tempo de reciclagem e reflexão sobre o dito e o não dito.

Ela ficou nua, despudorada, num tempo de bestialidades. Quando eles chegaram, abusaram de seu corpo e a destruíram sem dó. Ela não disse nada, apenas deixou marcas na terra e na Terra para todo o sempre.



Marta Schneider da Silva

Nasceu em Porto Alegre em 1958. Formada e pós-graduada pela Faculdade de Farmácia da UFRGS. Hoje desenvolve linhas na escrita e no desenho. Freqüenta oficinas de Escrita Criativa e em 2022 teve sua primeira publicação impressa na coletânea de contos intitulada Contos Caminhantes, organizados por Bel Porazza.

MUDANÇA DE ESTAÇÃO

Os sinais sempre existiram. Gritavam para ouvidos que não queriam escutar.

Primeiro alteraram-se as cores e eu vagueei como uma folha seca que se desprende do galho quando a brisa bate. Depois foi a temperatura e nossa fala tornou-se fria. Troquei minhas plumas e como pássaro mudei a rota. Aos poucos definharam meus longos fios de cabelo e a pouca luz que sobrevivia, evaporou. Dei culpa ao colágeno que minguava e aos hormônios quase escassos (algo tinha que servir como um bode expiatório).

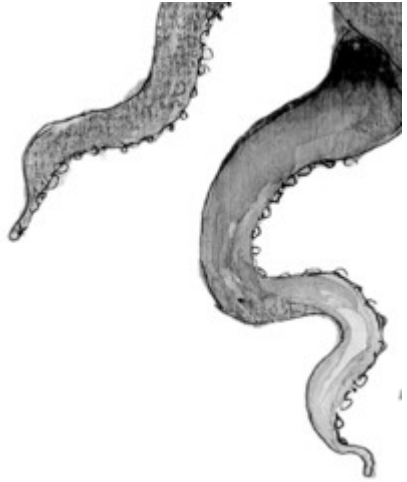
Busquei nos meus brios alguma força. Fechei a porta. Escancarrei as venezianas e frágil me sentei na poltrona laranja. Desenvolvi a teoria do alívio.

Entrei em suspensão com a lua dourada que entre névoas me espionava com seu olhar malicioso. Travamos um diálogo calado. Preenchidas como rubi atijamos o calor da lareira. Concluímos que haveria um inverno para hibernação, sobreviveríamos à próxima primavera e que por fim sempre existiria um novo verão.

Um piano cantava preenchendo o espaço vazio.

*Quem me vê assim cantando não sabe nada de mim...
Dentro de mim mora um anjo que tem a boca pintada...**

*Dentro de mim mora um anjo – canção de Sueli Costa



Mirella Timm

Gaúcha, nascida em Santo Ângelo em meados da década de 90.

O amor a leitura aconteceu cedo quando me deparei com gibis e livros da Coleção Vagalume após vieram os primeiros rabiscos, poesias.

Tenho duas poesias já publicadas em antologias poéticas e tantas outras guardadas.

Dediquei-me também ao projeto Biblioteca Lúdica, que beneficiou estudantes e professores da rede de ensino de Gramado através da arte associada à literatura.

OUTONO DE OUTREM

Olhou para baixo e percebeu a quantidade de folhas de diversas cores e tons que se acumulou debaixo de seus pés.

Entre tantas folhas que cobriam as calçadas, como se fosse um longo e sem fim tapete colorido, aquela lhe chamou a atenção:

Estava intacta, era grande e cobria a palma de sua mão.

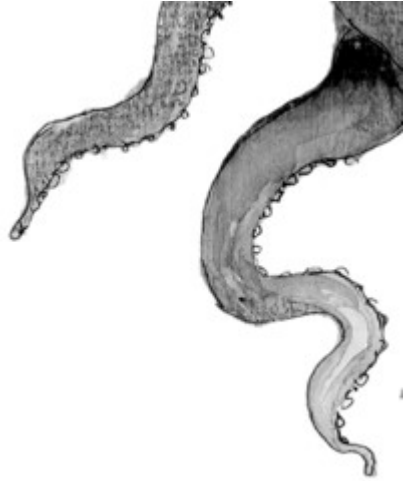
Juntou algumas outras mas largou ao vento...

Chegou em casa, tirou touca e casaco, andou em direção a estante de livros.

Colocou a folha amarela cuidadosamente dentro de um livro grande.

Acreditava que assim eternizaria aquele pacato outono.

Quem um dia ao ler aquele livro se depararia com resquícios de um outono d'outrora?



Patricia Morales Betancourt

arquitecta, artista, marionetista, guionista, microrrelatista (REM), recreóloga y profesora colombo-canadiense, fundadora de la empresa *l'Atelier en boîte*, con sede en Montreal. Ha publicado 5 cuentos para niños, la novela *“Por qué las mujeres no pueden estar solas”* y *“Acorralados, cuentos del inconsciente”* (propuesta interactiva y multidisciplinaria) y diseñado programas de prevención y recuperación cognitiva para adultos mayores.

Otoño sin fin

—Luego de la visita el Príncipe tomará la decisión.

—¿Nos talarán?

—No, no creo que terminen con nosotros. Preservamos la Tierra.

—Eres tonto, a él no le importa. Solo le interesa el dinero. Moriremos en la hoguera, o seremos transformados en muebles o estructuras para casas abandonadas.

Uno de ellos, el más creativo, les propuso una solución:

—¡Pintémonos! Utilicemos toda la gama de colores. Así nos disfrutará y se apiadará.

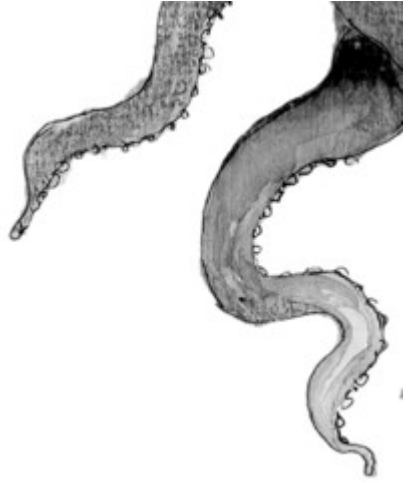
Las hojas asintieron y un estallido de color se posó sobre cada una de ellas.

Llegó el día de la visita. Todos estaban nerviosos y comenzaron a temblar apenas escucharon las trompetas anunciar su llegada.

Las hojas caían sobre el piso ofreciendo un tapiz de hermoso colorido digno de su Alteza.

—Nunca me habían recibido con tantos halagos. No permitiré que en mi reino los talen, a cambio de que ustedes me ofrezcan un nuevo camino para recorrer.

El Príncipe se perdió en alguno de estos caminos; que ellos decidieron crearle. Jamás lo volvieron a ver. A veces se lo escucha entregándole las hojas secas al viento o pegando las más coloridas para vivir siempre en otoño.



Patricia Rivas Morales

Escritora chilena minificcionista, ha publicado los libros *Hija bastarda*, Editorial Asterión, Chile (2009), *Transacciones* 1a edición, Editorial Eutópia, Chile (2019) y 2a edición, Amazon (2021), *Sustituibles*, Amazon (2021), *Pájaros de luz*, Editora BGR, España (2023), y próximamente *Cuepa, regresar en náhuatl*, Editorial digital Eos Villa, Argentina (2024). Integra Antologías en Chile, Argentina, Colombia, Nicaragua, México, Perú, España y Estados Unidos (NY). Fundadora del Colectivo Internacional de Minificción (desde 2020).

LAPSO DE OUTONO

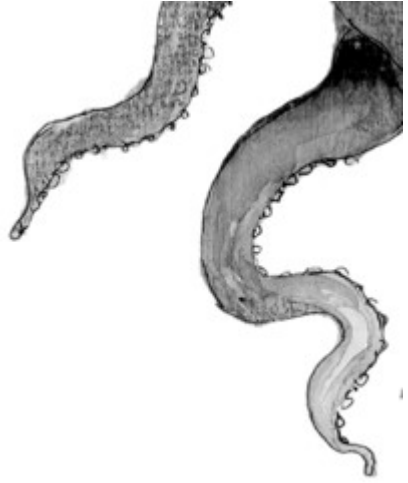
Diante do outono frio e ventoso, dia após dia ela resistia com seu corpo frágil ao peso opressivo do estalar de cada passo, afogada na terra murcha e esfarrapada. Destemida, ela percebeu uma tênue gota ao lado das irmãs, a chuva, com a chuva o solo fértil para a semente, da semente ao broto, do broto ao caule à árvore, voltando a ser a serapilheira perene da bela folhagem.

Nem todas as folhas são levadas pelo vento.

LAPSO OTOÑAL

Enfrentada al gélido y ventoso otoño, resistió día a día con su frágil cuerpo el oprimente peso del crujido en cada pisar, ahogada en tierra marchita y raída. Impávida, percibió una tenue gota junto a sus hermanas la lluvia, con la lluvia el suelo fértil para la semilla, de la semilla al brote, del brote el tallo hasta el árbol, regresando a ser la hojarasca perenne del hermoso follaje.

No a todas las hojas se las lleva el viento.



Raúl D'Alessandro "Lobo"

Nativo de Tres Arroyos – Residente en Mar del Plata.

15 - 1° Premios

69 - Premios varios y menciones

87 - Antologías en Ecuador, Venezuela, Puerto Rico, Italia, España, Israel, Chile, Colombia, Palestina, México, Uruguay, Perú

Reconocimiento Dirección de Cultura - Necochea.

Premio "Aguaclara 2017" Escritor Destacado -Tres Arroyos.

"Faro de Oro Vip 2019" - Mar del Plata.

Aporte Cultural Concejo Deliberante - Mar del Plata

Libros "ANTES QUE EL TIEMPO ACABE... quiero contarte"

"EL ALMA NO TIENE SEXO

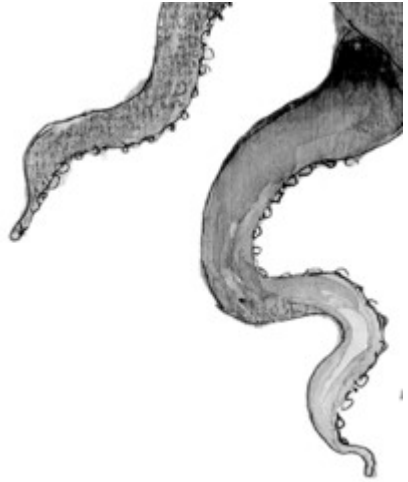
ANIVERSARIO

Una vez más en el mismo banco a merced de los recuerdos, es otoño y la nostalgia lo sabe. La espero con un viento sur que barre hojas secas en un regreso de tiempo hasta la caricia ausente, y fue el mordisco tímido de la fruta prohibida, pero no alcanza imaginar los mares si no soy capaz de navegar por mis medios, no sirven las alas si se niega el cielo del encuentro. No sirve no tenerla.

Mientras tanto, yo aquí; maquillado de ayer en este otoño gris, ofreciendo mi espera como ofrenda sagrada en el mismo banco, la fecha de aniversario hace daño, un otoño más es una esperanza menos.

El sol abandona la tarde y desde el horizonte una silueta se acerca, reconozco ese caminar, no lo dudo, corro entre las hojas secas del parque, voy a su encuentro, mis brazos se abren como dos grandes anfitriones para recibirla en todo su esplendor. Una puntada me abate el pecho y detiene mis latidos, hoy se cumplen seis años de su muerte, y acabo de inaugurar la mía. La espera terminó, el banco queda vacío.

Hoy somos dos compartiendo vuelo en nuestro otoño final.



Regina Scipioni

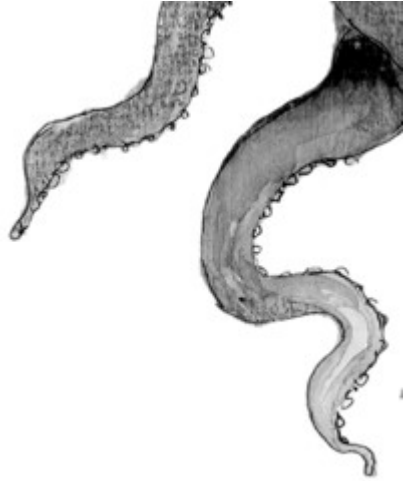
Sou farmacêutica de formação, bancaria de profissão e caminhante por opção. Em 2018 fiz o Caminho Português de Santiago de Compostela. Gostei e não parei mais. Percorri muitos caminhos, no Brasil, já mapeados, sinalizados e bem estruturados para esta atividade. Incentivo meus amigos a caminharem pela saúde física e mental, pelo contato com a natureza e pelas experiências maravilhosas que o caminho nos proporciona. Aqui, meu desafio foi converter este prazer em palavras, textos e, talvez, singelas reflexões.

A TERCEIRA ESTAÇÃO

O tênis de lona ainda está no armário. Hoje é branco, mas já foi de diversas cores. Companhia perfeita para a calça jeans. Sempre azul. Desbotada, modelava o seu corpo. A barra esfolada denunciava por onde andou, e nos bolsos, resquícios do que levou. O azul e branco coloriam a universidade e lançavam perfume pelos corredores. Os cabelos longos marcavam tempos de liberdade.

Na outra prateleira se vê o sapato vermelho. Com salto alto e fino. Saía do armário nas noites de sexta-feira. Mal-intencionada, colocava seu vestido mais ousado, o perfume do frasco pequeno e o batom vermelho. Pisava firme no acelerador e dilacerava corações. Amou. Chorou. Voltou. Colecionou sucessos e frustrações.

Hoje, é com a sandália rasteirinha que desfila sobre o tapete de folhas secas da horta. Colhe tomates, alfaces e cheiro verde. Contempla a tamareira. Ainda vai provar seus frutos! Se a brisa do final de tarde é fria, se recolhe na varanda. Entre um gole e outro de chá de hibisco, escreve o miniconto com 188 palavras. Não se importa com as pantufas de lã que a esperam no topo da escada.



Rosa María Argumedo Crispin

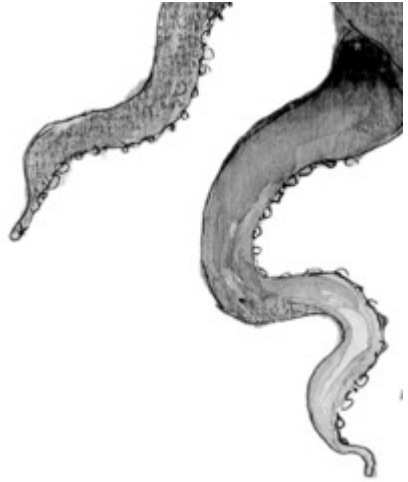
(Perú, 1974). Psicóloga y escritora. En 2022 participó en un seminario de la Fundación Crate (de Chile). Tiene un Diplomado de Especialización en Gestión y Estrategias en Psicoterapia Cognitivo Conductual por la UNMSM. Integra las antologías argentinas “8M-2023. Escritoras que dicen” (2023) y “Cuentos románticos de amores bonitos” (2023). Un cuento suyo figura en la revista “Sonámbulo” número 9 de Uruguay.

REGRESAR EN OTOÑO

Cinco otoños había visto pasar ya Laura sin la presencia de su amado Fernando. Cada año le resultaba más difícil, puesto que en su ausencia le detectaron una enfermedad incurable y tenía temor de que no pudiese verlo una última vez. Él había aceptado un trabajo operativo en Estados Unidos. Todo marchaba bien, comenzó a ahorrar en dólares. Incluso, planificó viajar al Perú al final de su primer año laboral para ver a su amada, pero a pocos días de su viaje, su jefe sufrió un robo en la calle. Justo Fernando lo acompañaba. Les dispararon a ambos. Lamentablemente, su jefe murió y él quedó en coma durante nueve meses. Cuando despertó no recordaba muchas cosas. Tuvo que seguir tratamientos para recuperar su salud y buscar otro trabajo para pagar sus gastos y regresar con su esposa.

Laura no supo nada de Fernando hasta el tercer año. Pensó muchas cosas negativas. Lloraba mucho y recordaba haberle dicho: “No te vayas, juntos podemos luchar y salir adelante”. Pero él, decidido a darle un mejor futuro, le aseguró que viajaría por poco tiempo.

Esa tarde, mientras Laura miraba las hojas otoñales caer, a lo lejos divisó a Fernando.



Rosana da Silveira

Nasci em Porto Alegre - RS, em 18 de outubro de 1959. Licenciada em Pedagogia Torricelli-SP (2004). Estive em 2007 no X Congresso Internacional de Pedagogía – Encuentro por la unidad de los educadores em Havana - Cuba. Particpei da campanha cultural de 120 Anos de Abolição - Racismo: se você não fala, quem vai falar? Livro publicado pelo Governo do Estado de São Paulo e Secretaria de Estado da Cultura (2008). Conclui o curso de especialização em Psicopedagogia (2010) pela PUC-RS. Atualmente me dedico a escrever Contos e Crônicas pelo Curso de Escrita Criativa Sênior da UCS – RS.

A ESTAÇÃO DO RECOMEÇO

As letras gravadas esmaecidas pelo tempo, indicava o local. Entrou naquele hotel sem charme, tamborilou os dedos no balcão e aguardou. O atendente apareceu com seu casaco disforme e com seus sapatos pretos desajeitados, lhe oferecendo o melhor quarto.

Em meados de outono, Carmella abriu a janela do quarto e aspirou a brisa da estação. Olhou para o horizonte contemplando a paisagem cáqui e dourado do campo.

No dia seguinte, desceu as escadas seguindo o cheiro forte do café. Tomou alguns goles e pegou o atalho pela trilha dos fundos pisando sobre as folhas úmidas de outono, até a casinha simples que morou um dia. O fogo estava na lareira queimando um pedaço de pau. O vaso trincado que um dia foi arremessado contra ela enfeitava a mesinha com uma flor de plástico. Lembranças vieram à tona, (do dia em que foi levada pelo seu tutor).

Dias se sucederam e Carmella acomodou-se no vilarejo. Ao entardecer costuma se sentar na varanda desbotada de madeira, acompanhando as árvores mudando a cor de suas folhas e aprendendo com o outono sobre as ações e mudanças que antecedem o recomeço.

MAR DA AFLIÇÃO

O barulho do mar quando as ondas se quebram nas grandes pedras musgosas, confundiam minha visão. Tenho certeza que é Lully, a vizinha da casa da colina. O tempo passou para ela. Tenho a observado por muitos dias olhando o oceano, mas não me atrevo interromper o seu silêncio e nem minha paz.

Certo final de manhã escureceu e clarões se aproximavam no horizonte sobre um mar aflito e o vento como um furacão batia em minha pele, agitando ainda mais meu coração. Distante ouço trovoadas se aproximando e um relâmpago cortou o céu naquele dia de outono. Um grito!

Fiquei parado na superfície do penhasco sem poder respirar, que é o mesmo que morrer. Peguei a bombinha no bolso e exalei três vezes. Corri penhasco abaixo pensando que ela poderia naufragar, mas ao chegar no local as ondas furiosas da tempestade que se formou levaram Lully. Fiquei ali encolhido na chuva tentando respirar o oxigênio que dá à vida, mas o mar a levou. Após longo tempo veio a calmaria e junto acalmei meu coração. Olhei para o oceano, caminhei até meu barco e velejei sem direção.

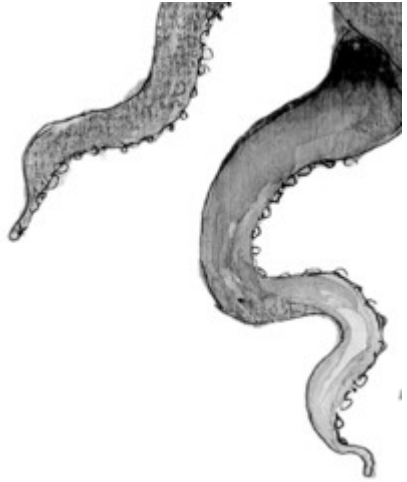
NOITE REVELADORA

As noites com a casa quieta, Naran fecha as vidraças da janela, se aconchega na cadeira profunda e ali fica presa em seus sonhos mesmo que acordada. A chuva bate nos vidros e ela mergulha em um rio de pensamentos trazendo à superfície memórias profundas. Pensava que tinha feito tudo certo, mas sempre um dedo lhe acusava e por mais que tentasse, se sentia quebrada por dentro. O aposento foi ficando mais escuro e o jardim da escuridão entrava desbravando seus sentimentos, lhe envolvendo de melancolia e tristeza.

Caminhou até a janela e viu pela vidraça as montanhas mais escuras abrindo caminho para o amanhecer e o vento brusco anunciava que era outono.

É hora de partir pensou ela. Pegou a trilha e saiu caminhando sobre as folhas secas e alaranjadas para a estação de trem, com a certeza de que às vezes, a vida muda de rumo para que possamos conhecer novos caminhos.

Naran sabe que as coisas não acontecem do seu jeito, mas acredita que a luz da manhã vai brilhar novamente na primavera.



Rusvelt Nivia Castellanos

Ibagué, Mowana, Tolima, Colombia.

Comunicador social y periodista - Universidad del Tolima - Ibagué, Tolima, Colombia.

Talleres literarios en los cuales participa: Taller de cuento; Hugo Ruiz Rojas, Universidad del Tolima, además asiste al taller de Relata, Escríbarte, Ibagué.

GRÁVIDA MODERNIDAD

Estas realidades suceden otoñales; reaparecen por entre pesimismos los individuos, ellos vagan con los rostros desgastados, sin saber para donde dirigir sus vidas, llenas de pánico, preocupadamente incurren en lo sombrío.

Como seres desconocidos, se adentran en un laberinto ruinoso, realizando distintas vueltas extraviadas, presencian el caos de la fealdad, solamente recorren sus caminos de tenebrosidad, allá donde experimentan lo grotesco con el dolor, pesarosos devanean entre sus pesadillas.

Menos desiguales, persisten en la sordidez, ellos sufren como unos obnubilados, declinando hasta lo muy inmundo, recaen bajo sus tinieblas espectrales, saturados de enfermedades y en obcecaciones, penan mareados con sus mentes errabundas.

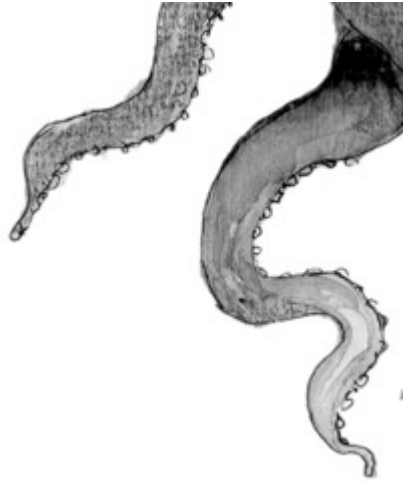
PASEANDO SEPULCROS

A lo perdido, voy por un cementerio, mientras la noche se derrama melancólica, son los tantos juramentos decapitados. Por entre el pasto, huelo sólo tragedias de muerte, estremeceador es este valle enlutado, camino por entre las criptas y escucho quejidos de almas en pena, ellas lloran sus ayeres, arrepentidas, gritan en medio de sus brumas.

En cuanto a mí, las siento heladas, un poco asustan con la brisa, que tormentosa arrastra sus voces.

Ya de preferencia, cojo por un sendero en huida, corro desde aquí hacia el pueblo, desiguales los claveles están rotos.

Paso ahora sobre hojarascas grises, cruzo algunas lápidas y despido a un espectro de cara gótica, para decirle hasta nunca; más a lo presuroso, voy derecho hasta el portón y traspongo el umbral ovalado; ya por fin, salgo a la serenidad, llego a la floristería de los vivos.

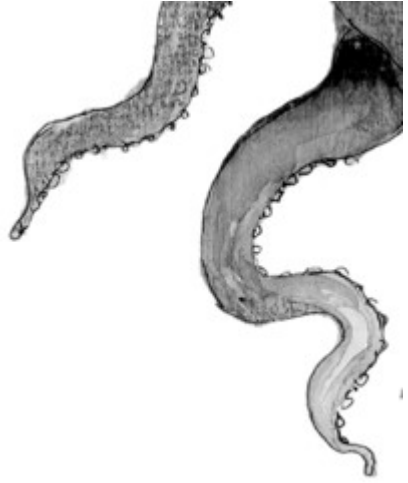


Santiago Jiménez

Nací en Madrid (España) hace 48 años, y tanto he leído durante este tiempo, que se me nubló el seso y empecé a plasmar en papel todo lo que desfilaba por mi cabeza. He participado en alguna antología que otra y perdido muchos más premios de los que he ganado, pero lo más importante, disfruto de mi locura escritora (junto a mis compañeros de los miércoles y de más días) tanto como sigo disfrutando de la lectura.

ESTACIONES

La mujer observa el vigor de su hija y los primeros pasos de su nieta, y piensa con tristeza en su madre marchita.



Sara Coca

Sevilla. España. Periodista, gestora cultural y postgraduada en *Escritura Creativa*. Ha publicado los libros: *Puentes*, *Micromundos*, *A qué sabe lo que somos*, *No quieras saber tanto*, *Desubicados*. *Microficciones Audiovisuales* y *Caóticos*.

Participa en numerosas antologías de microrrelatos, en revistas literarias y ha obtenido diversas menciones y premios y forma parte del Colectivo Internacional de Minificción.

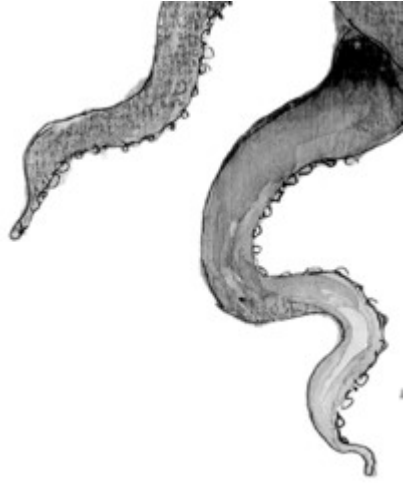
DELIRIO OTOÑAL

Tras las apariencias mi padre era una buena persona. Es cierto que jugaba demasiado con el fuego y cuando llegaba el otoño se transformaba. Necesitaba rodearse de humo para ver con nitidez o eso es lo que nos repetía mientras atizaba la chimenea. Entre las llamas vibraba, pero nada tuvo que ver con el incendio del psiquiátrico. Créanme: adoraba a sus pacientes.

MARCHITADOS

Su gemelo siempre quiso vivir en un árbol. Él lo visita cada otoño en medio del bosque y le cuenta del mundo que pisa. Después se observan, tan diferentes que si no fueran iguales jamás querrían entenderse.

Con los años ambos se inclinan cada vez más. Y así se suceden las estaciones, hasta que el invierno pasado uno de ellos falleció por causas naturales. Desde entonces el otro se marchita por días.

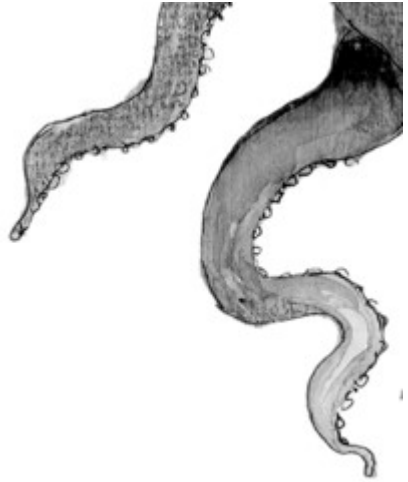


Scarlette Orozco López

(Nicaragua, 1972). Escritora breve y aficionada a la acuarela. Autora del libro de microficción *Variedades* (Proyecto Editorial La Chifurnia, 2022). Incluida en diversas antologías. Mención especial en el *Sexto Concurso Nacional de Literatura Infantil “Libros para Niños y Niñas 2010” (Nicaragua)*. Cuenta-cuentos principiante del Movimiento de Narradores Orales Escénicos de Nicaragua (2018). Miembro de la Red de Escritoras de Microficción (REM).

COMO LA FLOR

El otoño llega, las nubes se vuelven más frecuentes en el cielo, la neblina porteña se transforma en constante vaguada, las sirenas de los barcos atracados te transgreden el tímpano como una enervante orquesta sinfónica desafinada. El frío de afuera comienza a invadirte por dentro. En el muro de la casa vecina se ve la enredadera llena de flores mustias, cabizbajas; sin embargo, hay una sola que resiste con la cabeza erguida, buscando el poco sol que va quedando, luce en cada pétalo un intenso color violeta eléctrico que aún huele a primavera. A su paso, el peatón no puede ignorarla, deja escapar un suspiro y sigue su camino. ¡Sabrá Dios! lo que esa flor le trajo a la mente.



Sylvette Cabrera Nieves

Nació en San Juan, Puerto Rico (1958). Posee un Bachillerato en Artes de la Universidad Interamericana de PR y posgrado en Psicología Escolar. Miembro del PEN Club Internacional de PR. Enlace en *Ágora* (España) *Azogues* (México) y *Revista Azahar* (España). Mención Honorífica de *Cuentos* (Argentina, 2022). Finalista de *Epitafios* (España, 2022) y “*Monstruosa Navidad*” de *Verso Inefable* (México, 2023). Mención Honorífica del Concurso Internacional de Poesía (Argentina, 2023). Figura en antologías de Hispanoamérica, España y Puerto Rico.

AQUELLA MARIPOSA

Le brillaron los ojos cuando vio a su hombre desnudo a través de la puerta de cristal del baño. Cada detalle de la anatomía de Jorge estaba grabado a fuego en la memoria de Kiara. Entonces con sigilo se sumó a la fiesta del agua. Suspirando recordó cómo se conocieron una fría noche de otoño cuando compartían en mesas aledañas con sus amigos en el nuevo bar *Good Vives* de la capital. Cruzaron miradas, unas cuantas palabras y supieron en aquel instante que comenzarían su historia de amor. Luego de varios meses, todo se complicó tornándose en sal y agua. Se acabó el hermoso cuento.

Al escuchar en *Spotify* un bolero, atribulada recordó la traición de Jorge y se sirvió una copa de prosecco. Una profunda tristeza anocheció en su corazón y en la mirada. Entonces abrió la doble puerta que daba al patio hasta llegar a la pérgola. Fijó la mirada en una bella mariposa amarilla que coqueta revoloteaba en el jardín. Kiara observó el camino de cemento, recién hecho, que continuaba secándose. Entonces exclamó: ¡Ah! Querido mío, sabes bien que aquí nadie te va a encontrar...

INSTRUMENTO MÁGICO

Mercedes estaba jugando feliz en su nuevo cuarto. A través del ventanal, el patio lucía como una fiesta de colores que la alegraba mucho. Una alfombra mágica de hojas amarillas, anaranjadas y color vino girando en remolino, era el otoño que se manifestaba con estilo y temperaturas frías. Antiguamente vivía en un edificio.

En tanto comenzaba a desempacar sus pertenencias para acomodarlas dentro del ropero. Mientras pensaba que al fin tenía su propio cuarto y por eso estaba feliz. Haciendo espacio en las gavetas se encontró, en una de estas, una bolsa roja de regalo y dentro un maravilloso objeto. Al explorar su contenido extrajo algo que parecía como una luna de plata. Entonces vio con asombro la belleza de su rostro reflejada en él y descubrió que del otro lado alguien le sonrió. Estuvo ante aquel extraño aparato largo rato y contemplándose en aquel prodigioso cristal hasta quedar finalmente hipnotizada.

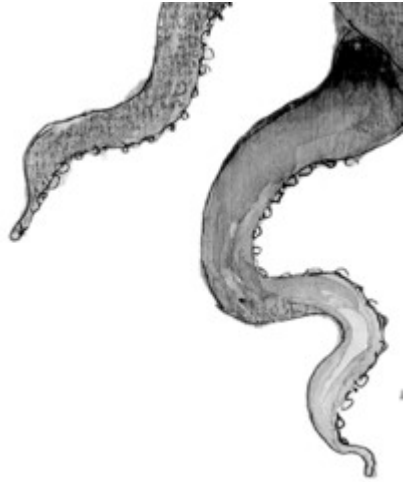
No supo cuánto tiempo había transcurrido desde que lo encontró. Percibe haber salido del trance, del aquel ensueño, porque despertó de golpe y aturdida, justo cuando escuchó a su madre llamarla para que se sentara a almorzar. Curiosamente, ahora no sabe cuál de las dos Mercedes ella es...

POR LOS SIGLOS DE LOS SIGLOS...

La noche había sido de parranda larga para Don Quijote y sus nobles amigos de camino a Santiago, Discutían animados la génesis del olivo en aquella serena noche otoñal. El Marqués de Verona, subiendo el tono, alegó que el aceite de oliva se usó para ungir reyes y atletas en Grecia, desde que la bola del mundo se echó a rodar. En tanto Ambrosio de Goloso Valdés, con notable altivez, indicó provenía de Egipto y ramas de olivo fueron encontradas en la tumba de Tutankamón.

Don Quijote ripostó que su origen era sagrado y bíblico. Que aparecía en ambos Testamentos y mencionado más de 30 veces en el libro Santo. Que fue el olivo que le advirtió a Noel, el fin del diluvio. Sancho, sin poder contener su lengua por más tiempo, afirmó que fue en el Corán donde apareció primeramente mencionado desde hacía 7 mil años.

Asombrados por su respuesta lo aplaudieron con vehemencia. Como eran locos sublimes, y de cuerdos pensamientos, alzaron una botella de tinto La Mancha para brindar por el astuto Sancho y su sabiduría. Asimismo por el insigne Cervantes, su amigo de siempre, por los siglos de los siglos.



Silvia Carus

Soy española, pero actualmente vivo en Portugal.

He completado varios talleres literarios y publicado en algunas revistas y antologías.

También he sido galardonada con algún que otro premio literario.

Soy autora de los varios e-books entre los cuales destacó: Cupido y Rivaletas.

Mis redes sociales son:

Facebook: @silvacarusescritora.

Instagram: Silviavazquezcarus8

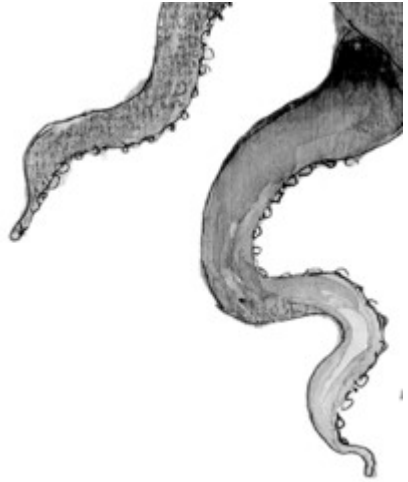
UNA NOCHE DE OTOÑO

Era una noche fría y lluviosa. El único sonido en la oscuridad eran sus pasos apresurados. Bajo sus pies cientos de hojas cubrían el suelo, como si la naturaleza hubiese colocado una alfombra de oro sobre la tierra. Había cierta poesía en ello y quizás en otro momento de su vida podría haber llegado a apreciarlo. Sin embargo, no disponía de tiempo para detenerse a observar detalles como aquellos, no cuando algo lo perseguía y su vida dependía de poder llegar a casa a tiempo.

Juan miró por encima de su hombro una vez más, pero su perseguidor había logrado camuflarse entre los troncos nuevamente. Pese a que no había podido establecer contacto visual con él, podía sentirlo cada vez más cerca.

Se detuvo desesperado, intentando encontrar algún lugar para poder esconderse, pero era demasiado tarde. Lo sentía justo detrás de él.

Durante unos instantes nada se escuchó a no ser la monótona e incesante lluvia. Cerro sus ojos con fuerza preparándose para lo peor. Sintió el dolor agudo de la muerte atravesar su pecho. No había nada ni nadie, tan sólo el viento gélido del otoño que continuó su viaje y se llevó consigo el último aliento de Juan.



Tânia Pereira

Nasceu em Porto Alegre, onde fez graduação e mestrado em Letras. Foi professora no Ensino Médio lá e também em Belo Horizonte e Canela, onde mora atualmente. Trabalhou como pousadeira por 20 anos, sempre acompanhando e apoiando a movimentação cultural da cidade, com seu tradicional Clube do Livro, oficinas e eventos literários. Participou de coletâneas da Oficina Santa Sede (2021, 2022, 2023) e da Coletânea de Autores da Serra Gaúcha – Contos (Liddo Editora, 2023).

(DES) FLORAR-SE

Ela ensaiou por muito tempo o desflorar-se. Vestia-se de rosas e ia deixando cada pétala cair suave sobre o tapete do quarto.

Em sua estreia, vestiu-se de rosa-sangue.

Passou a gostar de se sentir flor. Enfeitar-se de cores. Texturas. Oferecer seu melhor perfume. Se abrir em mil pétalas. E sentir o efeito que causava.

O pólen que produzia germinava e o canteiro ia engordando com mil brotos fazendo festa no jardim.

Mas

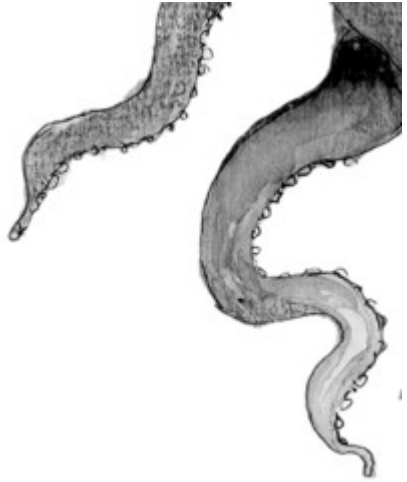
Assim como as mudas mudam, também as plantas maduras.

Já não reconhecia o viço, a doçura, a maciez de suas pétalas.

Até as gotas de orvalho, que vinham refrescar seu corpo de manhã, agora pareciam evitá-la.

Se antes toda ela se movia em acordo com o sol, o vento, a umidade, nesta fase ela mal sentia a chegada do ar fresco do outono.

Quando a chuva começou, sentiu-se pesada. Mas logo o peso diminuiu e ela percebeu que estava debaixo de uma cortina de pingos brilhantes.



Tânia Maria Garbelini

natural de Loanda-Pr, professora graduada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Durante mais de trinta anos dedicou-se à Educação física, lecionando em colégios Estaduais. Atualmente, reside em Maringá-Pr. A escrita entrou em sua vida como uma possibilidade de expressão. Lugar de criação, abriu espaço para sua imaginação brincar, contar, existir na concretude do papel.

ENTRE MARGENS

Quente, quente, muito quente, três meses de um quente vermelho. Não dá trégua. Dilata poros, deixa evaporar seu aguado. As frutas se contornam.

O equinócio anuncia e equilibra a balança do tempo, temperando luz e escuridão. Um vento soprado a frio, seco até, parece fazer despencar dos galhos as folhas mais generosas, que se deixam levar, entregues a um chão ainda morno.

Frio, frio, muito frio, três meses de um frio azulado. Não dá trégua. Fecha todos os poros, esconde su' águas.

NA NUDEZ DA ESTAÇÃO...

A pele seca e quente escamou.

Na boca miúda da noite, porém, uma brisa fresca roçou sua tez, eliminando as últimas células mortas do veraneio.

Dormiu com a janela entreaberta.

Pela manhã, as roupas sem manga mudaram de lugar e o suco deu lugar a um chá de flores de clitórea e jasmim, maçã e pêra.

Pelo lado de dentro da vidraça, com a xícara entre as mãos, viu alguns galhos carregados de folhas cor de sol. Decididas que estavam em sacrificar-se pela árvore, aproveitaram a rajada de um vento seco e se deixaram levar. Algumas, rodopiando, caíam por aqui, mais equilibradas nas suas águas; outras, desidratadas que já estavam, se permitiram flutuar até mais ali.

Entre a derme das naturezas ressequidas das águas perdidas e o caldo fumegante de carnes e legumes bem cozidos, o tempo de travessia.

...o caminho dos extremos.

O SILÊNCIO DO OUTONO

Os parques foram pavimentados.
Os ventos frescos e secos sumiram.
As florestas não fazem mais fotossíntese.
Suas folhas não amarelam e nem caem pelos gramados dos
parques, que já não existem mais.
Das frutas foram retiradas as sementes.
As árvores, agora solares, produzem KWH/m2.
A vida ficou preto e cinza.
O outono, metálico.



Tania Mara von Berg Ondere

Tenho 65 anos.

Nasci e morei em Novo Hamburgo até 2007. Atualmente moro na cidade de Canela no Rio Grande do Sul.

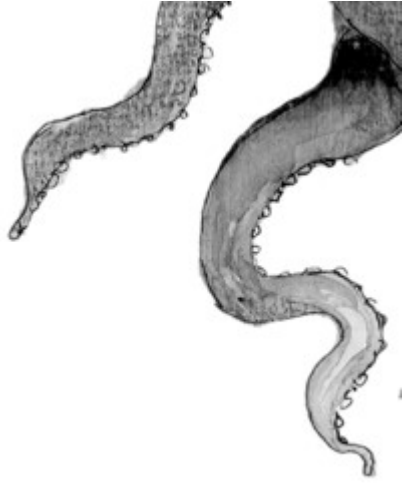
Sou formada em filosofia, escultora e gosto muito de ouvir música. No momento, estou apaixonada por mini contos, devo isso a influência da minha professora Isabel Porazza. Gosto da fluidez das palavras e das argilas; nelas, encontro muitas possibilidades.

OUTONO ATÍPICO

Ouvindo músicas no meu rádio, comemoro o final do verão. Nessa estação de calor, as bocas-de-leão florescem aos cântaros causando um burburinho infernal.

Mas para meu alívio, o outono já está aí e as bocudas exaustas irão murchar e cair - graças a Deus; darão espaço para o sussurro suave do outono.

De repente a música para. -Aviso importante: Cuidado com uma nova planta invasora: a "Trombeta-dos-anjos" também conhecida como Datura de outono.



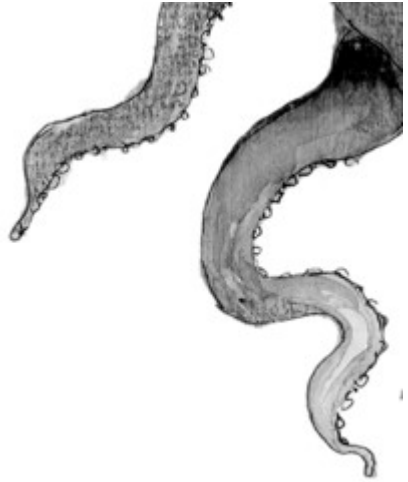
Virginia González Dorta

lee, escribe, camina, hace fotos. En su bitácora, Phoeticblog, cuelga los resultados de estas aficiones. Algunas de sus microficciones figuran en: Máquina de coser palabras, Piedra y nido, Microfilias, La nave de los locos, Brevilla, Plesiosaurio, Microtextualidades, Alebrijes, Proyecto Tradabordo, Revista Litoral, Minificción en la voz de sus autores. Ha publicado “Paisaje de infancia y viento”, “99 Variaciones en torno a la barra”, “De fisco en fisco”, “Algún lugar donde soñar”. Pertenece al Colectivo Internacional de Minificción.

MELANCOLÍA

Una hoja cualquiera en un parque cualquiera. Arrastrada por la brisa, sube a un banco, luego al cochecito de unos gemelos y, en nada, se posa entre las hojas de un periódico que alguien lee. Siguiendo con la brisa, ameriza sobre el estanque, planea un poco, se regodea con varias acrobacias y sale airosa, volando hasta una ventana abierta.

Aquí acaba su periplo, un joven tristón lo ve como una señal, conservará la hoja entre papeles de seda, seguro el otoño vendrá a buscarla y se lo llevará también a él.

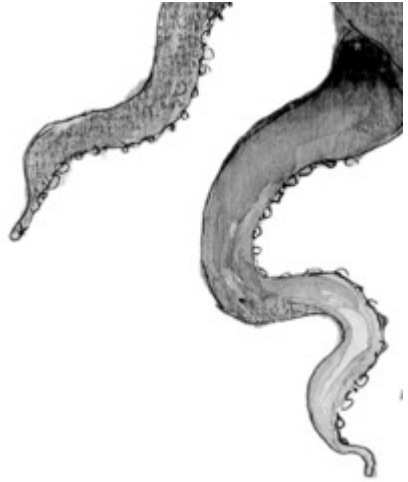


Wagner Guerra

ingeniero forestal de Iquitos, ha sido apasionado por los cuentos y leyendas amazónicas desde la infancia. Sus numerosos viajes han enriquecido su perspectiva, inspirándolo a escribir cuentos propios que fusionan experiencias reales con creaciones, ambientados en la imponente Amazonía peruana y sus misterios ocultos.

EL BAILE DE OTOÑO

Ella caminaba entre los árboles y su cabello dorado brillaba bajo los rayos del sol filtrados entre las hojas caídas. Cada movimiento que tomaba era como si fuera una hoja que caía con elegancia al suelo, bailando al ritmo del viento otoñal. Sus ojos verdes reflejaban los colores cambiantes del paisaje, y su sonrisa iluminaba el camino como el resplandor del sol entre las ramas. Era como si la naturaleza se entregara a su belleza, emulando la combinación de tonos y ritmos que solo el otoño podía brindar.



Wigberto Méndez García

Nació en el barrio Angeles de Utuado donde cursó la escuela primaria y secundaria hasta el tercer año. Se traslada a Bayamón en el 1968 y cursa el cuarto año de escuela secundaria en la Escuela Superior Dr. Agustín Stahl. En el 1972 obtiene un Bachillerato en Artes de Educación, con concentración en Historia, en la Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras. Posteriormente, en el 1984 obtiene de la misma universidad una Maestría en Pedagogía, con concentración en español. Durante treinta y tres años trabajó como maestro de español en el Departamento de Educación de Puerto Rico. Cultiva el cuento corto y la poesía.

RITUAL DE OTOÑO

Sopló el viento. La lluvia de hojas del otoño cayó suavemente de los árboles próximos. Sintió la suave caricia del torrencial de pétalos, que rodaba por todo su cuerpo, provocándole un escalofrío estremecedor. Se sumergió en el recuerdo y la vio allí, tendida en la hojarasca de colores, agonizando, fulminada por el inesperado ataque cardíaco.

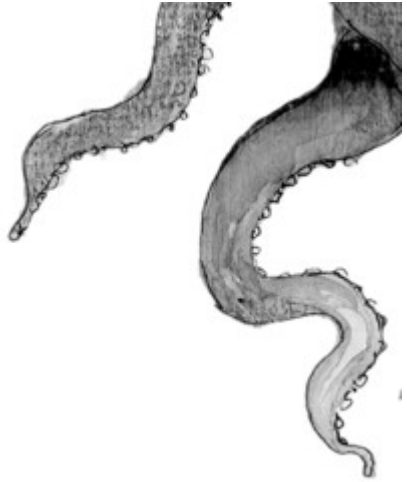
Desde entonces, el cruel abismo de la soledad lo atrapó. Repetía cada año, en el mismo lugar, el ritual del espejismo implacable que lo atormentaba mientras veía cómo el viento sepultaba a su amada en la hojarasca.

MIRADA EN EL ESPEJO

Miraba en el espejo su cuerpo sensual y atractivo. Sonreía llena de orgullo y coquetería. Cuando salía a la calle y se movía en el gentío, atraía sobre sí la mirada de los hombres, pero a todos los rechazó. Creía que su belleza merecía un hombre especial, guapo y rico, para vivir como una reina. Sin darse cuenta fue tendiendo en torno a ella una muralla inaccesible. Se tornó huraña, vanidosa y solitaria....

... Sí, se miraba en el espejo del cuarto dormitorio y veía, una y otra vez, el reflejo de su deslumbrante belleza. Una ráfaga de viento entró por la ventana abierta y le golpeó el rostro, pareció salir de la fijación mental que la consumía. Reaccionó en un instante y retornó a la realidad que la rodeaba. Miró hacia afuera y vio la hojarasca del otoño moverse en remolinos en aquel atardecer luminoso. No pudo evadir la mirada obligatoria en el espejo atrayente.

El cuerpo envejecido le recordaba que el tiempo había pasado y no había podido a sanar el orgullo y el egoísmo que la consumían. Las lágrimas le mojaron la piel arrugada y descolorida. Volvió a mirar por la ventana. Las hojas secas volaban con el viento y sintió que el tiempo otoñal la llamaba...



JOVENS ESCRITORES

Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor
Adelino Souza
São Francisco de Paula-RS
Professora: Ana Paula de Matos
9o. ano

QUANDO O OUTONO PASSAR...

Você me conheceu em meio ao “meu inverno”, quando eu já havia desistido do amor. Você chegou como uma primavera, me encantou com sua beleza e serenidade com seu sorriso contagiante e suas piadas sem graça, você me ganhou, e olha só, me trouxe o verão, logo eu que havia desistido do amor, estava amando, foi quente, foi ardente, foi mágico. Mas assim como o tempo passa, as estações mudam. O outono chegou com seu “frio” e assim, você partiu...

Mas quando o outono passar... e minha dor recomeçar, o inverno chegará e você voltará e nossa primavera recomeçará e rezarei para o outono não voltar e o levar novamente de mim.

Laryssa Eduarda Chaves dos Santos

OUTONO

Em um reino distante e desconhecido, as pessoas se encontravam desesperadas. Um tempo atrás surgiu uma mulher que muitos não conheciam, mas alguns diziam que ela era usada pelas forças do mal. Um certo dia, ela foi falar com o rei, segundo ela, algo do além, sobre uma profecia que iria acontecer no próximo ano. “No outono seguinte, assim que as folhas secas caírem e os ventos esfriarem, tudo mudará.” Por vários anos, coisas estranhas acontecem nesse reino justo no outono. Inclusive, no ano anterior, um vírus surgiu contaminando várias pessoas, chamavam de epidemia da dança, pessoas dançavam até morrer. E agora, o que acontecerá no outono seguinte?

Larissa Rafaela dos Santos da Costa

NOITE DE OUTONO

Foi naquela noite...

Dia 12 de junho, exatamente às 20h30min

Quando olhei meu celular, vi o horário

Foi exatamente quando meus olhos encontraram os seus

Quando me aconcheguei em seu olhar naquela noite fria...

Isabela Priscila dos Santos Lopes – Bela

VOCÊ

Debaixo de uma árvore
Sento-me em um banco
Folhas caem em diversos tons vermelhos e laranjas, como tecidos
finos
Segurando minha câmera, como no outono passado
Pego-me pensando sobre seu vestido vermelho
Vermelho como as folhas, vermelho como o amor
Vermelho como seu típico batom e como seu sangue
Perdido em meus delírios em memórias, mais uma vez
Olhando pelos rolos de minha câmera
Que me fazem recordar nossos momentos
Recordar nosso passado
Já não mais nosso, apenas meu
Não sei o que será do futuro
Já que esse tempo todo
Me prendo no passado e
Me prendo cada vez mais em você...

Sophia Diogo Gross

BEL PORAZZA

Brasileira. Vivo na cidade de Canela (RS). Professora do curso Escrevendo Narrativas Breves do Programa UCS Senior da Universidade de Caxias do Sul, desde 2017. Autora de livros: *Contra o Vento* (contos); *Atrás das Cortinas* e *O Peso do Silencio* (narrativas longas); *No Tempo de Tomar um café* (minicontos).

PARA OUTRO MUNDO

O menino desceu a rua com o vento. Levava um pote ainda fechado. Nele, um sapo. Ia em direção ao lago.

Quando chegou perto da árvore que o escolheu, esfregou o corpo buscando a seiva úmida. Os joelhos dobraram-se. Os olhos, fixos no ocre alaranjado, quebraram as folhas secas. Estendeu-se no chão aproximando-se das raízes. Hipnotizado, ouvia somente os sons do outono.

O sapo saiu do pote e voltou para casa.

PARA OTRO MUNDO

El niño bajó por la calle con el viento. LLevaba un recipiente aún cerrado. En él, un sapo. Iba en dirección hacia el lago.

Cuando llegó cerca del árbol que lo eligiera, se refregó el cuerpo buscando la sábia húmeda. Las rodillas se le doblaron. Los ojos, fijados en el ocre naranja, rompieran las hojas secas. Se acostó en el suelo junto de las raíces. Hipnotizado, escuchaba los sonidos del otoño.

El sapo saltó del recipiente y volvió a casa.

